

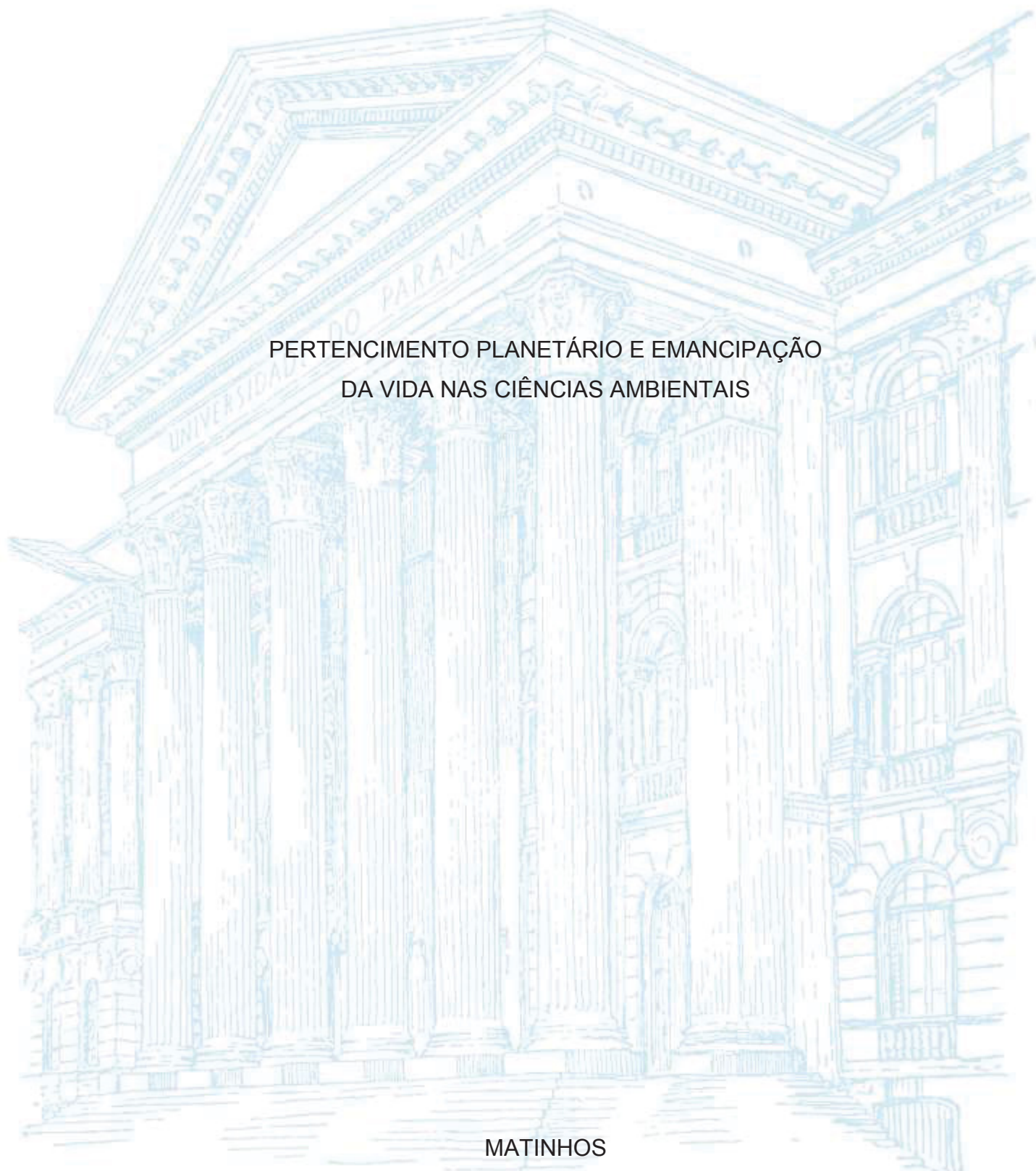
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARILDA FERREIRA DE ALMEIDA CALDAS

PERTENCIMENTO PLANETÁRIO E EMANCIPAÇÃO  
DA VIDA NAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

MATINHOS

2019



MARILDA FERREIRA DE ALMEIDA CALDAS

PERTENCIMENTO PLANETÁRIO E EMANCIPAÇÃO  
DA VIDA NAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helena Midori Kashiwagi

MATINHOS

2019

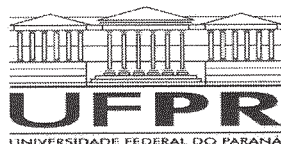
Dados Internacionais de Catalogação na Fonte  
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

C145      Caldas, Marilda Ferreira de Almeida  
            Pertencimento planetário e emancipação da vida nas ciências ambientais /  
Marilda Ferreira de Almeida Caldas ; orientador Ernesto Jacob Keim ;  
coorientadora Helena Midori Kashiwagi. – 2019.  
            78 f.

            Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,  
Matinhos/PR, 2019.

            1. Educação ambiental. 2. Pertencimento planetário. 3. Emancipação da vida. I.  
Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino  
das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 333.7071



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR LITORAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA  
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARILDA FERREIRA DE ALMEIDA CALDAS** intitulada: **PERTENCIMENTO PLANETÁRIO E EMANCIPAÇÃO DA VIDA, NAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS.**, que após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 30 de Agosto de 2019.



LUIZ FERNANDO DE CARLI LAUTERT

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



GLEISON VIEIRA

Avaliador Externo (SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE JOINVILLE)



MAURICIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)



ANA JOSEFINA FERRARI

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*Eu sei de muito, um pouco.  
Mas tenho a meu favor,  
o que não sei.*

*Clarice Lispector*

## **AGRADECIMENTOS**

A meu marido Carlos Alberto e aos meus filhos Lucas e Karla, pela compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu orientador Professor Ernesto Jacob Keim, por me possibilitar dar continuidade a minha trajetória acadêmica, sempre com muita paciência, e por me deixar inquieta em alguns momentos, com questionamentos, apontamentos, discussões tão necessárias para o meu desenvolvimento intelectual, mas, acima de tudo, humano. Pela segurança, firmeza, convicções de ideias, paixão pelo ato de educar e disposição com que conduziu o processo de orientação. Pela amizade; riqueza de valor incalculável que o ser humano pode adquirir. Minha eterna gratidão!

A todo corpo docente do PROFICIAMB – Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais.

À UFPR - Litoral, ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Agência Nacional de Águas (ANA), pela oportunidade em participar deste processo de crescimento, intelectual, profissional e humano.

Aos amigos de mestrado e profissão, com quem compartilhei e continuo compartilhando os desafios, angústias, incertezas, mas acima de tudo os encantamentos desta caminhada no movimento contínuo e dinâmico que se chama vida!

*“O homem, como ser incompleto, inacabado e inconcluso que é, só inicia seu processo de plenificação, de acabamento e de auto conclusão de sua humanidade no momento em que toma consciência daquela incompletude.”*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Este texto se refere à dissertação que é parte do processo conclusivo, das atividades regimentais para a obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais, do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), desenvolvido junto à Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Ele aponta o desenvolvimento de uma pesquisa, que trata da perspectiva da Emancipação da Vida, por meio da consciência de pertencimento planetário dos humanos, ao considerar que sua existência se caracteriza, como uma relação simbiótica, por vezes imperceptível, no que se refere aos conteúdos próprios das ciências ambientais. Neste trabalho a expressão Emancipação da Vida substitui a expressão Educação Ambiental. O pertencimento planetário se direciona para o reconhecimento das relações complexas entre o sujeito e o meio no qual interage como ser vivente. Essa investigação se propõe a desenvolver material que possibilite processo investigativo, de como docentes de ensino fundamental e médio, incorporam em suas ações docentes, os conhecimentos inerentes às questões ambientais, e compreendem como incorporar a posição de cada pessoa se reconhecer, como integrante da complexidade planetária. A compreensão dessa condição de reconhecimento se ampara na perspectiva de como a Emancipação da Vida, se apresenta como tema das ciências ambientais, nos diversos componentes curriculares vigentes no sistema escolar brasileiro. A pesquisa se ampara nas premissas: reconhecimento e pertencimento planetário, e Emancipação da Vida. A metodologia adotada se pautou na abordagem de ciência, própria da Fenomenologia Goethiana, a qual prioriza mudanças (metamorfoses) no pesquisador, tendo os resultados objetivos e concretos, um lugar decorrente, e não prioritário como nas abordagens empírico-analítico da ciência. Nessa abordagem, fazer ciência se dá principalmente como postura e não como metodologia. Como resultado a pesquisa desenvolveu um roteiro investigativo, em formato de cartilha que poderá ser utilizado como diagnóstico docente, no sentido de verificar em que medida reconhecimento e pertencimento planetário, e Emancipação da Vida estão presentes em sua ação docente.

Palavras-chave: Pertencimento. Reconhecimento. Emancipação da vida. Ensino de Ciências Ambientais.



## **ABSTRACT**

This text refers to the dissertation that is part of the concluding process of the regimental activities to obtain the title of Master in Environmental Sciences Teaching, from the Graduate Program in National Network for the Teaching of Environmental Sciences (PROFCIAMB), developed together to the Federal University of Paraná, Coastal Sector. He points out the development of a research that deals with the perspective of the Emancipation of Life, through the consciousness of the planetary belonging of humans, considering that its existence is characterized as a symbiotic relationship, sometimes imperceptible, regarding the contents. of the environmental sciences. In this paper the expression Emancipation of Life replaces the expression Environmental Education. Planetary belonging is directed towards the recognition of the complex relationships between the subject and the environment in which he interacts as a living being. This research aims to develop material that enables the investigative process of how elementary and high school teachers incorporate in their teaching actions the knowledge inherent to environmental issues, and understand how to incorporate the position of each person to recognize themselves as part of the complexity. planetary The understanding of this condition of recognition is supported by the perspective of how the Emancipation of Life presents itself as a theme of the environmental sciences, in the various curricular components in force in the Brazilian school system. The research is based on the premises: planetary recognition and belonging, and Emancipation of Life. The methodology adopted was based on the approach to science, proper to the Goethian Phenomenology, which prioritizes changes (metamorphoses) in the researcher, having the objective and concrete results, a place rather than a priority as in the empirical-analytical approaches to science. In this approach, doing science occurs mainly as a stance and not as a methodology. As a result, the research developed an investigative script in a booklet format that can be used as a teaching diagnosis, in order to verify the extent to which planetary recognition and belonging, and Emancipation of Life are present in its teaching action.

**Keywords:** Belonging. Recognition. Emancipation of life. Environmental Science Teaching.

## LISTA DE IMAGEM

FIGURA 1 - CAPA DA CARTILHA .....	69
-----------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS**

BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	- Base Nacional Curricular Comum
CF	- Campanha da Fraternidade
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
EA	- Educação Ambiental
IBICT	- Banco de teses e dissertações
ONG	- Organização não governamental
PIEA	- Programa Internacional de Educação Ambiental
PNUMA	- Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PROFCIAMB-	Programa de pós-graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais
PUC/RS	- Pontifícia Universidade Católica / Rio Grande do Sul
SEED	- Secretaria de Estado da Educação
PSS	- Processo seletivo simplificado
UFPE	- Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UNICAMP	- Universidade Estadual de Campinas
UNIOESTE	- Universidade Estadual do Oeste do Paraná
USP	- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
2.1 O QUE FOI PENSADO SOBRE O TEMA .....	30
2.2 PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS (METODOLOGIA) .....	32
2.3 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO .....	33
<b>3 HUMANOS E A VISA PLANETÁRIA .....</b>	<b>34</b>
3.1 PERTENCIMENTO COMO RECONHECIMENTO DO SER PLANETÁRIO.....	35
3.2 RECONHECIMENTO COMO RESPONSABILIDADE PLANETÁRIA .....	40
3.3 EMANCIPAÇÃO COMO RESPONSABILIZAÇÃO PELA VIDA PLANETÁRIA....	43
3.3.1 Emancipação da vida e autonomia por meio da educação .....	44
3.3.2 Emancipação da Vida na Interação Ambiental e os Princípios Eco Vitais.....	48
3.3.2.1 Os Princípios Eco Vitais e a Emancipação da Vida com dignidade.....	51
3.3.3 Emancipação da vida e educação como agente de pertencimento. ....	53
<b>4 PERTENCIMENTO, EMANCIPAÇÃO E RECONHECIMENTO COMO AGENTES DE RESISTÊNCIA A FAVOR DA VIDA COM DIGNIDADE (CARTA DE BELGRADO).....</b>	<b>55</b>
4.1 A CARTA DE BELGRADO COMO PROPOSTA DE RESISTÊNCIA .....	57
4.1.1 Tomada de consciência e sensibilização .....	60
4.1.2 A carta de Belgrado apontando o meio ambiente como totalidade .....	62
4.1.3 Atitudes e valores propostos pela carta de Belgrado .....	64
4.1.4 Aptidões para resolver problemas ambientais.....	64
4.1.5 Participação e responsabilidade.....	66
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO DA INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>68</b>
5.1 CONSIDERAÇÕES REFERENTES ÀS METAMORFOSES OCORRIDAS COM A PESQUISADORA COMO DECORRÊNCIA DA PESQUISA.....	69
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Sou professora e pesquisadora, formada em Pedagogia, pós-graduada em Serviço Social Na Perspectiva Interdisciplinar e em Educação Ambiental nos Espaços Educadores Sustentáveis pela UFPR-LITORAL. Nascida há 45 anos na cidade de Guarapuava no estado do Paraná. Casei-me aos 18 anos, e tive dois filhos. Moro em Guaratuba há 24 anos. Atuei por muitos anos na rede privada, deste município. Atualmente sou professora na rede municipal de Matinhos, litoral do Paraná, atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental-I e na rede Estadual (SEED), em Guaratuba, em regime de PSS, em dois colégios: 29 de Abril e Gratulino de Freitas, com as disciplinas de sociologia e filosofia no ensino médio.

O interesse pela Educação Ambiental sempre esteve presente na minha vida desde a infância. E foi na escola que este interesse começou. Sempre amei as aulas de ciências e ficava fascinada com os conteúdos voltados para as questões ambientais e depois no ensino médio, com a disciplina de biologia e reforçando durante as aulas de didática para o ensino de ciências no antigo magistério, hoje formação docente consolidei esse interesse que se fez presente em minha ação docente atual. Na graduação, além das aulas de didática para o ensino de ciências, o tema foi ganhando relevância e aguçando a minha curiosidade em me aprofundar mais neste tema.

A imersão se deu por meio das leituras e pesquisas na pós-graduação, no qual o tema foi se intensificando e abrindo portas para outras leituras e reflexões, que se desdobraram no desejo e na busca pelo mestrado PROFICIAMB.

Gradativamente fui adquirindo, por meio das leituras, uma familiaridade com os termos reconhecimento, pertencimento planetário emancipação em debates referentes às suas implicações na formação docente, em vistas à vida em suas diferentes manifestações. Portanto, estes três conceitos (reconhecimento, pertencimento, e emancipação), trazem consigo, outras perspectivas a serem pontuadas, como a corresponsabilidade inerentes a esse processo.

Tais implicações nos colocam em cheque, ressaltando que não há como ficar alheia a esta problemática tão atual, que tem relação direta com aquilo que entendo como um imperativo: a vida e sua defesa! Hoje consigo mensurar a dimensão de como eu, enquanto pessoa, ser humano, professora, tenho um papel importante nesse cenário ambiental.

Tal comprovação foi possível, graças ao conhecimento adquirido no processo até aqui desenvolvido. Conhecimentos que transcendem o que aprendemos nos bancos das escolas, os quais formam professores de manutenção, que atendem ao sistema. Já os conhecimentos que formam humanos conscientes, participantes, corresponsáveis e promotores da vida nas suas diferentes manifestações, demandam mais tempo e esforços coletivos, de pensar e agir coletivamente.

A cada aula e a cada tema abordado, os debates entre os pares, ampliaram muito, meu olhar para o Meio Ambiente e para a Educação Ambiental como um todo. Questões como, o processo de distanciamento do homem com seu entorno, sendo este, inerente à sua existência. Assim, se é um imperativo viver é, portanto, um imperativo também proteger, cuidar, preservar e desenvolver consciência planetária e simbiótica, nos alunos, garantindo às novas gerações, o legado do cuidado e da preservação, compreendendo a dinâmica, como intrínseca ao meio.

Compreendo que aventurar-se, por novos caminhos, pressupõe estar aberto à ciência, entendendo-a e desejando produzir ciência. Depois entender o meio, o ambiente, para só então, partir para próxima questão: o que é o meio ambiente? Quais emaranhados, teias de complexidades existem nesse tema? E mais, como desenvolver consciência planetária, de cosmovisão, e de filosofia ambiental, percebendo as forças existentes sofridas e exercidas em todos os processos, que têm como pano de fundo, um modelo de desenvolvimento pautado no consumismo desenfreado?

Na busca por explicações, e ao me apropriar dos estudos sobre o espaço e sobre o meio com diferentes recursos e processos, constata-se que o ser humano sempre buscou dominar a natureza para dela usufruir. Com o passar do tempo, desenvolveram-se processos que atenderam às suas necessidades, acreditando que os recursos naturais eram inesgotáveis. Assim, diante do quadro de degradação ambiental no qual convivemos, ampliam-se as propostas de, o ser humano reaprender como se relacionar no espaço, considerando a finitude dos recursos e o respectivo impacto para a vida.

Na procura por meios, para reverter o processo de degradação, é necessário desenvolver posturas que modifiquem esse quadro. Estas constatações impeliram em mim, outro olhar. Isto seria a metamorfose? Não sei, mas com certeza, foi o início de uma tentativa de metamorfosear-me. Não somente no trabalho, mas em todas as esferas, como pessoa humana responsável e corresponsável por essa natureza, por

esse espaço, que se transforma e que eu o transformo, e que interfere na minha vida e de todos ao meu redor.

Esta compreensão, de que, tudo que me rodeia faz parte de um sistema complexo, e por essa razão é necessário assumir, a condição de corresponsável, na preservação e cuidado desse ecossistema tão diverso, dinâmico e complexo. Reconhecer-me como parte do planeta, deste município, deste espaço, com toda riqueza ambiental e diversidade, me faz muito bem.

Hoje, até mesmo, uma simples caminhada pela areia, sentindo a água salgada nos pés, tem outra conotação. A inserção no mestrado, as aulas, de cada módulo, cada abordagem, cada teoria, cada discussão dos temas, foram, e são muito envolventes, porque me colocaram como agente deste processo, sujeito ativo na história: Protagonista.

Se outrora os filósofos se ocupavam de pensamentos que os levassem ao conhecimento de como dominar a natureza a seu favor, hoje estamos novamente reunidos, mas agora com outra missão: A de reaproximar o homem e a natureza e reatar o elo perdido no passado.

O meu Ingresso na UFPR - Litoral, foi o 1º degrau para o processo em que me encontro o qual se ampara na postura de que é por meio da educação que se ampliarão os movimentos insurrecionais, tidos por Ernesto Jacob Keim (2011) como processos de resistência que podem alterar o eixo que organiza os movimentos e os ritmos de interação das pessoas, e suas instituições com a vida planetária.

Olhando toda minha história de vida e de formação acadêmica, percebo que estou em constante construção e desconstrução, transformação e evolução e isso é maravilhoso! As escolhas e as experiências vividas me fizeram ser quem sou. E quem sou mesmo? Sou alguém que chegou à cidade de Guaratuba, sem perspectiva alguma, mas munida de um desejo imenso de crescer. Mesmo não entendendo bem este termo.

Trabalhei aproximadamente, quinze anos como zeladora de um condomínio de temporada, prática comum no litoral. Durante esse período voltei a estudar, e materializei um sonho antigo, ser professora. Após concluir a graduação deixei meu emprego de zeladora e alcei outros voos. Errei muito, mas também tive muitos acertos e isso me faz tão bem! Como ensina Aristóteles “A educação tem raízes amargas, mas os frutos são doces”.

Continuei buscando, pesquisando, lendo e tentando superar as carências e aprimorar meus conhecimentos. Saí da zona de conforto, que muitas vezes nos impede de avançar. Ao olhar para minha trajetória de formação e de como os mecanismos de educação me fizeram evoluir, fundamento minhas esperanças de que ela, a educação, é o meio mais eficaz neste processo.

O filósofo Aristóteles valorizava a inteligência humana, como única forma de alcançar a verdade. Ele considerava a educação, como uma das formas de crescimento intelectual e humano. É na educação que se ensina o certo e o errado, é na educação que podemos ensinar a virtude da ética para comigo mesmo, e com o outro, trazendo também à tona as responsabilidades implicadas em cada ação.

Trago comigo estas, que são minhas principais aspirações: educação para transformação e para a esperança. Foram elas, que me moveram e me impulsionaram na busca da nova e desafiadora oportunidade de chegar ao mestrado Profissional no Ensino de Ciências Ambientais.

Por acreditar que posso contribuir neste processo de mudança como metamorfose junto a meus alunos e colegas de profissão. Creio que isto só será possível, com formação para o reconhecimento, a intensificação, a interação e o pertencimento planetário, em busca da promoção do bem viver entre todos.



## 2 INTRODUÇÃO

O tema ambiental atualmente ganha espaço ampliado em debates junto a seminários, conferências, ONGs e nos mais diferentes segmentos da sociedade. Nas academias, esse debate se faz presente tanto nos cursos de graduação e pós-graduação, quanto em disciplinas específicas e também em projetos de extensão e de pesquisa.

Nesse debate, a pesquisa evidencia que a questão ambiental, é apresentada como uma postura imbricada em segmentos de formação que ultrapassam os muros das instituições de ensino. Essa formação faz com que fique evidente o caráter de intencionalidade, que, de certa forma, pode vincular o processo educativo a aspectos próprios de movimentos, posturas e ações voltadas para privilegiar a vida. A questão ambiental aponta para ações de cunho formativo que se caracterizam como processo a favor da vida para contrapor posturas antevia, mediado pelo mercado, que faz tudo se conformar aos padrões e processos por ele mediados.

Com esses pressupostos a Educação Ambiental percorre as mudanças ocorridas no cenário econômico e político que marcaram e marcam a modernidade. Se outrora as bases eram agrícolas e o espaço rural gozava de grande prestígio, o que se tem agora com base em significativas mudanças, na organização da vida contemporânea é uma sociedade industrial e urbana. Essas mudanças apontam para um distanciamento dos humanos do que denominamos como natureza. Essa mudança que se manifesta como aumento significativo da exploração dos recursos naturais para produção de bens de consumo, com durabilidade restrita, para manter o fluxo exigido pelo mercado.

A ideia do desenvolvimento tecnológico e o desejo de atender cada vez mais à indústria do consumo aumentam de maneira significativa esse abismo. Decorrente deste processo inúmeros problemas surgem e outros se ampliam, e resultaram em movimentos como o de 1972, com a 1ª Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano, conhecida como: Conferência de Estocolmo, que se caracteriza como um marco para o início de políticas voltadas ao meio ambiente. Apesar dos conflitos em relação aos desenvolvimentos dos países, houve pontos positivos em Estocolmo desencadeando outras conferências, relatórios e tratados ambientais. A partir dele foi criado o programa das Nações Unidas para o Meio

Ambiente -PNUMA, que incentivou a criação de ministérios ou órgãos ambientais em muitos países, e de ONGs.

O segundo encontro, na perspectiva de debater a questão ambiental planetária, motivado entre outros aspectos por uma crescente conscientização e urgência frente às exigências da vida, ocorreu em Belgrado capital da Iugoslávia, do qual, por meio da Carta de Belgrado, ficaram definidos passos a serem dados na perspectiva de como se poderiam efetivar programas de Educação Ambiental que representassem responsabilidade com a vida com dignidade, para todos os viventes que ocupam a biosfera terrestre.

Depois deste, ocorreram novos eventos e movimentos, como: Eco 92, Protocolo de Kyoto, dentre outras, na tentativa de estabelecer metas a serem cumpridas, como a Agenda 21, a proposta de Desenvolvimento Sustentável, o Dia Mundial do Meio Ambiente, o Acordo de Paris e a proposta de Economia Verde. Todos tratando das questões ambientais e dos impactos para a vida planetária, alguns favorecendo o mercado e outros visivelmente restritivos à ideologia do mercado, como ressalta a já citada Carta de Belgrado. Essa se apresenta como um protocolo desafiador para a Educação Ambiental, a qual, por sua abrangência e impacto, é pouco considerada pelos meios conservadores que regem o contexto civilizatório no qual estamos imersos.

A Carta de Belgrado concebe a Educação Ambiental como processo que contribui para a formação de uma nova ética universal, por meio da qual se incentive a interação responsável da relação homem/natureza/vida com dignidade, afim de que a população mundial compreenda o meio em sua totalidade e tenha consciência que se traduza em preocupação, cuidado e preservação deste, que é comum a toda humanidade.

Como exemplos, de processos voltados para o debate a favor da vida na dimensão da ação docente, se destacam incontáveis ações e proposições de pessoas engajadas em movimentos de resistência. Esses movimentos, muitas vezes, atuam como resistência ao que é proposto na legislação, conformada aos padrões do mercado. Essa resistência se configura como processo que se ampara em postura educativa de formação com matriz interna e externa ao contexto escolar, como por exemplo, ações voltadas para a formação das pessoas, para assumirem a vida como prioridade, expressas por temáticas ambientais, como as veiculadas pela Campanha da Fraternidade (CF) de 2002, 2007 e 2017.

Meu engajamento nesse processo despertou o que é intrínseco ao ser humano, que é a preservação da vida. Essa dinâmica ocorre em múltiplas dimensões existenciais, caracterizadas como política, moral, física, cultural, espiritual e tantas mais. Não há como desvencilhar todo o aprendizado, que acumulei nesse engajamento, com as práticas desenvolvidas dentro e fora do espaço escolar. Cada ação agora, nessa pesquisa, se manifesta como diversificados significados em defesa e como resistência a favor da vida com dignidade.

Além do trabalho em sala de aula, participo como voluntária em atividades pastorais na igreja católica de Guaratuba, com crianças e adolescentes. Na pastoral da catequese, e como colaboradora na pastoral social e na pastoral da criança, trazendo as discussões com foco em temas ambientais como um compromisso cristão, de cidadania e de evolução humana, que se configuram como consciência ambiental e planetária.

A imersão em assuntos da CF, voltados ao meio ambiente e à valorização da cultura, da vida e da dignidade humana, apresentam ecos iniciados em 2002 com o tema: “Fraternidade e Povos Indígenas”, abordando o lema: “Por uma terra sem males”. Essa proposta teve o propósito de debater o resgate da dívida social com os povos indígenas, vítimas, que há séculos sofrem com a cobiça e a violência dos grupos colonizadores.

A CF interpela a Igreja, o governo e a sociedade sobre a situação dos povos indígenas, com o compromisso de combater a discriminação e promover os seus direitos. Para isto, propõe disseminar uma abordagem dos fatos desde o “descobrimento”, a fim de que as futuras gerações solidarizadas com esses povos, muitas vezes ignorados e desrespeitados, em seu modo de ser, consigam manter vivos seus modos de vida com base em sua cultura e tradições.

Esse movimento teve também o propósito de lembrar que os povos indígenas, têm muito a nos ensinar, no que se refere à relação com a natureza e tudo à sua volta. A Campanha da Fraternidade lançada em 2007, com o Tema: “Fraternidade e Amazônia” e o lema: “Vida e Missão neste Chão,” chama a atenção para os problemas ambientais: grandes rios e florestas ameaçadas; devastação do verde e o perigo à biodiversidade.

Toda a diversidade pode ser apontada como vítima do egoísmo e da ganância na exploração dos recursos naturais, que ameaçam seriamente esta riqueza que não

é somente dos brasileiros ao se considerar que a devastação da Amazônia se configura como ameaça para toda a humanidade.

Em 2017 o tema foi, Fraternidade: “Biomass brasileiros e defesa da vida”, com o Lema: “Cultivar e guardar a criação” (Gn. 2.15). Este tema direciona para a riqueza e variedade de biomass existentes no país, que se caracteriza como farta diversidade de fauna e flora, os quais correm risco de extinção, com a exploração desenfreada do homem. A campanha apontou para a promoção e cuidado com a vida em sua diversidade ao trata do “Cuidar da criação de modo especial dos biomass brasileiros, dons de Deus, e promover relações fraternas com a vida e a cultura dos povos, à luz do Evangelho”.

Todas estas temáticas das Campanhas da Fraternidade, foram apresentadas e debatidas, além de se desdobram em ações em todas as pastorais da igreja católica como: catequese, pastoral social, pastoral do canto, da pessoa idosa, pastoral da criança, entre outras, priorizando a dignidade humana e a defesa da vida, com olhar voltado para as políticas públicas. Cabe destacar que esse processo e postura ativa a favor da vida têm entre outros a chancela de D. Helder Câmara, ao pontuar a necessidade dessas ações serem cobertas de criticidade não cabendo espaço para posturas alienadas ao destacar que “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, me chamam de comunista.”

Durante minhas atividades realizadas nas pastorais, em visita às periferias de Guaratuba, em bairros carentes de políticas públicas, e de condições estatais que possibilitem vida com dignidade, fui colocada de frente a realidades, e dimensões que precisam ser analisadas. Essas comunidades sempre afetadas pelas chuvas, enchentes e demais intempéries, por conta da falta de postura humanitária e inclusiva por parte das autoridades e da comunidade em geral, que desconsideram o necessário cuidado com o meio ambiente, desconsiderando que essas omissões atentam contra suas próprias vidas.

A população de todas as classes, que constituem a sociedade é carente de educação e de formação a favor da vida com dignidade, portanto, faz-se necessário e urgente, debater nas comunidades formas educativas que promovam libertação e consciência da responsabilidade planetária de cada pessoa. Esse processo deve ser mediado por postura freiriana de revitalização da humanidade dos humanos, considerando que oprimido é quem tem a humanidade roubada e vilipendiada.

Assim, cuidar responsabilmente do espaço, do meio ambiente e do planeta, é resgatar nossa “identidade terrena” conforme Edgard Morin (2000), e fortalecer o pertencimento planetário como afirma Milton Santos (2000).

Percorrendo as várias abordagens, decorrentes dessa interação e ação mediada pela igreja, incorporei novas possibilidades para compreender que, cuidar e preservar a natureza, o meio, e a vida perpassa por dimensões múltiplas.

Essas dimensões precisam ser mencionadas quando nos defrontamos com a complexidade do que caracteriza a vida. Neste sentido, compreendo que a pesquisa remete à formação de docentes, a qual, foca na inserção da temática ambiental como responsabilização de todos, por tudo que se relaciona com a vida com dignidade.

Essa perspectiva com foco ampliado para a causa ambiental, por meio da educação e não apenas pela escolarização, deverá abarcar formas que promovam processo que transcenda os marcos regulatórios, que controlam e estabelecem limites de alcance da educação, e da ação que trata das questões ambientais.

Esse propósito direciona para a conexão com o processo histórico da natureza, do meio ambiente, do lugar e do espaço onde ocorre a vida. Para isso, a pesquisa terá atenção especial para promover consciência investigativa e de atuação docente configurada na sensibilização e na intensificação como meio para perceber o ritmo que caracteriza a identidade planetária, conforme a cultura e a cosmovisão de cada grupo social e comunidade a que a proposta educativa faça referência.

Assim sendo, essa investigação reporta-se à possibilidade de ressignificar a abordagem nas ciências naturais, voltadas para o reconhecimento e o pertencimento planetário. Espera-se que esse processo desencadeie nas pessoas envolvidas, transformações atitudinais que se caracterizem como se fossem metamorfoses, para qualificar o processo educativo, como agente de mudanças efetivas, nas formas como as pessoas envolvidas se relacione com a vida focada na dignidade e na responsabilidade coletiva decorrente dessa proposta.

A utilização da palavra metamorfose, vinculada à Fenomenologia Goethiana, aponta para a possibilidade de a educação, e não o ensino limitado à escolarização, desencadear nas pessoas envolvidas, mudanças irreversíveis.

Essa abordagem antes de sanar problemas os intensifica, ao colocar em xeque a vida humana, vegetal e animal, nas questões que permeiam a sociedade contemporânea. O tema trata o ser planetário, como agente de ruptura do modelo social e comunitário, que caracteriza o contexto civilizatório no qual estamos imersos,

no sentido de ampliar as possibilidades que favoreçam a vida planetária como processo de interação e integração.

A dinâmica desencadeada pela escolarização, na perspectiva dos marcos regulatórios, manifestos pela legislação e regularização, desenvolvida pelos segmentos de gestão estatal das escolas, apresentam-se como suporte para fortalecer e referendar o Estado, muitas vezes atrelado aos interesses de uma elite econômica. A gestão de matriz estatal-governamental dos sistemas escolares tem de forma subjetiva, a perspectiva de fundamentar e manter sua função de controle e dominação, muitas vezes contrários à vida com dignidade. Assim, conforme Ernesto Jacob Keim (2019), a Escola Pública é a escola do governo e ela vem a se caracterizar como escola do povo, na medida em que docentes e corpo administrativo ouvem e tratam as questões próprias da comunidade.

Desta maneira, a escolarização que reproduz conhecimentos e amplia informações, tem como produto, por um lado, sujeitos com dificuldades de desenvolver autoconhecimento e por outro lado, gerirem, criarem e também interagirem na busca de soluções para problemas locais ou globais.

Portanto, o professor, por meio de seu trabalho, ao tratar dos conhecimentos que foram determinados pelo poder vigente, tem a possibilidade de desencadear posturas, ao refletir e criticar os temas tratados, podendo romper a engrenagem que faz parte e sustenta o círculo vicioso colonialista, que impede de avançar com posturas e consciências que respeitem e viabilizem a vida com dignidade.

A resistência da ação docente contra a abordagem colonialista se dá, na medida em que insere nos debates, argumentos que colocam em dúvida o que está posto como discurso oficial (Keim, 2019).

Partindo do pressuposto de que resistir ao que deixa o professor à margem de ações e desencadear posturas que promovam libertação e autonomia, pode ser apontado como processo que possibilita a inserção de outros conhecimentos e outros saberes que estimulem as discussões, as quais revelam a importância dos problemas, referentes às questões vitais, postas por Ernesto Jacob Keim (2017 aprs. 3.3), na forma de Princípios Eco Vitais.

Nessa perspectiva fenomenológica, a proposta desta pesquisa, aponta para transformações, que se pautem na intensificação do fazer docente, como processo amparado em posturas e reflexões sobre o trabalho docente e sobre a formação desses profissionais, que tenham o potencial de enfrentar o desafio, de despertar o

interesse ao novo e ao inusitado, no campo das ciências ambientais, em favor da vida com dignidade.

O trabalho investigativo em questão aborda os temas ambientais junto à professores e estudantes do curso de formação docente a nível médio, e superior com o foco de desencadear postura que valorize e fundamente aspectos como cuidado, pertencimento planetário, e Emancipação da Vida, para que a temática ambiental esteja presente nesses processos de formação profissional.

Procurei identificar e compreender a libertação e a Emancipação da Vida, como condição do humano civilizado, que ao adquirir consciência de seu pertencimento e vida planetária, possa assumir posturas de resistência, em defesa e a favor da vida. Esse pertencimento será debatido considerando a dimensão decorrente da tríade: colonizado, resistente e emancipado, como proposta de ação contínua e prolongada que identifique como postura e determinação anticolonial. Entendendo anticolonial o conjunto de posturas e ações de resistência possíveis aos educandos e a emancipação como superação de processos tiranos em evidência, para identificar formas de emancipação e libertação da tirania e da barbárie vigente. A utilização de processos amparados em tríades é decorrente de postura própria da Fenomenologia Goethiana que supera as relações duais (KEIM, 2019).

Essa proposição é ressaltada na medida em que trata as questões ambientais de maneira a transcender como está posta, ampliando possibilidades além, das que controlam e estabelecem limites de alcance para a educação referente aos ambientes planetários.

Assim, a pesquisa também tem como propósito, apontar a conexão com o processo histórico do meio onde ocorre a vida, concentrando a construção teórica na perspectiva de pertencimento, em Milton Santos e na teoria do Reconhecimento, em Axel Honneth, bem como a dinâmica de libertação e emancipação em Paulo Freire e em Theodor Adorno.

Assim, a pesquisa aponta para o ser planetário, como agente de ruptura do modelo social e comunitário, que caracteriza o contexto civilizatório no qual estamos imersos, no sentido de favorecer a pertença planetária como processo de interação e integração da vida. Neste sentido, a pesquisa, pretende identificar caminhos já traçados, para pensar a Emancipação da Vida como enfrentamento à Barbárie, conforme Theodor Adorno (1995) e também nas perspectivas: do Pertencimento, do Reconhecimento e da Emancipação da Vida, mediado pela fenomenologia Goethiana,



compreendendo que os seres humanos são dotados de subjetividades, afetos, autoconfiança, leis e direitos, bem como do auto respeito, como base na reciprocidade social e na autoestima (Honneth 2003).

A fim de experimentar outro viés com que a ciência, apresenta o pertencimento planetário, buscamos a compreensão do que propõe a Fenomenologia Goethiana, a qual evidencia a essência do fenômeno natureza, indo além do empirismo e do racionalismo, comum nas pesquisas científicas, pois se trata de uma redescoberta ou uma insurreição segundo Jonas Bach Junior (2015).

Essa abordagem da ciência amparada na Fenomenologia Goethiana, comporta essa caracterização pelo fato dela apontar para uma atitude de que o pesquisador deve enamorar-se do tema que está posto como foco da investigação. E nessa mesma seara, Ernesto Jacob Keim (2019) aponta que o pesquisador que se envolve com as questões ambientais deve se engravidar da natureza planetária, para que sua relação com os ambientes seja similar à relação amorosa de mãe e pai com sua criação.

O enamorar-se e engravidar-se daquilo que se pretende pesquisar, implica estabelecer uma compreensão de estreitamento na relação homem-natureza-vida. Nesta perspectiva, pode-se entender o processo de educação e pesquisa, com viés emancipatório e permanente, numa dinâmica espiral, em vistas de possíveis fazeres educativos mais relevantes, eficazes e significativos, capaz de despertar nos educandos o ser planetário.

Essa proposta pode propiciar nas escolas, o que é nominado como espaços educadores, conforme propõem a Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti desenvolvida sob a liderança de Ernesto Jacob Keim<sup>1</sup>.

Trata-se, portanto da ideia de resgatar a compreensão da dissociabilidade da natureza com vida humana. Assim, uma Educação Ambiental não deve ser compreendida apenas pela percepção de sentidos, mas de intensificação da essência dos fenômenos, numa simbiose embalada pelo ritmo existente entre homem e meio, como uma espécie de antídoto contra o que está posto, conforme a Fenomenologia Goethiana (KEIM 2014). Nesta perspectiva esse autor aponta a necessidade de substituir a expressão Educação Ambiental por Educação da Emancipação da Vida.

---

<sup>1</sup> Ver sobre a Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti no site [profjacob.com.br](http://profjacob.com.br) no bloco 1 dos Power Points



Portanto, este trabalho apresenta uma abordagem que se distancia das convencionais na medida em que prioriza a consciência planetária universal, ao considerar a possibilidade e a busca por outro entendimento para a relação homem/natureza/vida, a partir do pertencimento e do reconhecimento, ao abrir uma perspectiva sustentada no cuidado e na resistência a favor da preservação da vida com dignidade.

A Educação da Emancipação da Vida, (Educação Ambiental), a partir do cuidado, amor e zelo, expressa o reconhecimento e pertencimento por aquilo que é a sustentação da vida planetária. Somente tem esta sensação, quem consegue perceber o que os olhos não conseguem enxergar. Isso somente é possível por meio de vivências e experiências do olhar, para além das aparências. Um olhar para a essência. É ela que nos dá a noção de emancipação como processo vital. Quem a experimenta sente-se em território de segurança. Portanto, com base na ideia de cuidar da natureza, do meio em que vivemos e do mundo, cabe a presunção de cuidar da própria vida humana, o que fundamenta o interesse, decorrentes do conhecimento de como os professores internalizam essa constatação e como abordam essa temática.

Minhas pretensões, ao trazer essas palavras: reconhecimento, pertencimento e emancipação da vida, são propositais e inerentes ao que se pretende abordar. Mas para a compreensão e adesão a essa proposta, é fundamental que o professor se aproprie desses estudos, e dessas diferentes abordagens, que requerem sensibilidade na docência, para a superação do conteúdo pelo com conteúdo.

Internalizar o ser planetário, o amor ao meio ambiente com os princípios de corresponsabilidade, de ética pela vida com dignidade e a cooperação nas intensificações nos processos eco vitais, que ecoam por cuidado e proteção. Evoluir, precede a uma reorganização de ideias, sentimentos, emoções, que são intrínsecas ao ser humano, mas que necessitam ser direcionadas também à natureza, ao meio e à vida como um todo e tudo.

A “casa comum”, a “mãe Terra”, o “grito da Terra” e o “grito dos pobres”, do “cuidado”, da “interdependência entre todos os seres”, do “valor intrínseco de cada ser”, dos “pobres e vulneráveis”, da “mudança de paradigma”, apontam para o ser humano como Terra, o qual, ao ser intensificado, sensibilizado pela educação voltada para a Emancipação da Vida, ama, cuida e presa pela “ecologia integral”, conforme Boff em: A Carta Magna da ecologia integral: grito da Terra-grito dos pobres (2019 b).

Esses temas ecoados, pensados e escritos na América Latina, evocam para um aprofundamento nas questões ambientais complexas. Trata-se de um pensar diferente, carregado de intencionalidade a favor da vida como responsabilidade planetária.

Nessa dimensão, espera-se que os professores apontem como referencial a própria vida de cada pessoa, e de cada vivente, como processo do individual no coletivo. Espera-se também que consigam promover a consciência de pertencimento planetário de e em seus estudantes, na busca por um entendimento maior para uma futura consciência ambiental, política e social dos indivíduos. Para tal, a frase atribuída a Goethe: “só se ensina a criança a amar, amando-a”, abre um leque de questões que demanda entender como se dá o cuidado com a “nossa casa comum” (CNBB, 2017). Nesse sentido, é importante entender a partir de quando as questões ligadas ao meio ambiente tiveram e têm espaço de destaque, na vida de cada pessoa.

Com essa matriz, a pesquisa procura perceber quais abordagens formativas aproximam os seres humanos na relação de intensificação e interação ao meio, na perspectiva e na busca da identidade planetária. Essa abordagem pode suscitar, um despertar para “nossa casa comum”, o que provoca um pensar de como estamos na docência, para então propor algo, talvez surpreendente e inusitado, como uma pedagogia que se apresente como insurreição, capaz de superar o que está posto.

Na percepção e compreensão das modificações ocorridas na natureza ao longo do tempo, bem como as implicações destas mudanças, na vida em suas diferentes manifestações, é importante e relevante pensar e propor outras possibilidades. Uma pedagogia que trate do retorno ao essencial, uma pedagogia para pensar a vida humana, vegetal e animal, na busca de compreensão de como se organiza e se dinamiza essa complexa simbiose nomeada como vida.

Essas considerações iniciais, manifestadas como introdução e justificativa dessa investigação, apontam para a relevância dela, a qual se desenvolve a partir da seguinte questão mais abrangente:

- Como nas ciências ambientais, pertencimento planetário, se manifesta como emancipação e reconhecimento da vida como processo complexo e interativo na educação?

O enunciado deste problema nos remete ao seguinte propósito geral da investigação:

- Compreender o pertencimento planetário dos humanos, quanto aos pressupostos das Ciências Ambientais, na dinâmica educativa como sujeitos de reconhecimento e emancipação na complexa, dinâmica, interativa que se caracteriza como vida em plenitude.

Deste propósito geral enunciamos os seguintes pressupostos decorrentes:

- Caracterizar a abrangência da expressão, reconhecimento do pertencimento planetário, como Emancipação da Vida.
- Compreender a educação como processo que evidencia o potencial de vida em plenitude, como complexa dinâmica interativa.
- Apontar aspectos que atuem como referenciais para a identificação de como as ciências ambientais incorporam elementos, com os quais os humanos se reconhecem, e se emancipam como seres pertencentes à complexidade da vida planetária.

Para atender a esses propósitos, essa pesquisa se referenciou em uma construção teórica, que se fundamentou na abordagem pedagógica freiriana e na abordagem de ciência amparada na Fenomenologia Goethiana, como meio para intensificar, sensibilizar e promover os ritmos, como movimentos que caracterizam a dimensão da vida, inserida no contexto planetário.

A estrutura teórica referente à planetaridade e à vida como representação e interação ambiental, sustenta-se em Milton Santos, quanto à consciência de pertencimento planetário; em Axel Honnethna compreensão de como os humanos se representam e se caracterizam como seres integrados aos múltiplos e complexos aspectos que caracterizam a vida planetária; e em Theodor Adorno na organização de argumentos que se referem à Emancipação da Vida como enfrentamento à barbárie.

Na perspectiva de intencionalidade a construção teórica, também se voltou para a sustentação da vida com base em referenciais de ancestralidade e de saberes originários, manifestos como proposta anticolonial.

## 2.1 O QUE FOI PENSADO SOBRE O TEMA

Com relação a esse tema de estudo foram identificados trabalhos já desenvolvidos encontrados no site referente ao banco de teses e dissertações (IBICT) vinculado à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) dentre os quais se destacaram os citados a seguir. Essa busca se desenvolveu com base nas seguintes expressões: Pertencimento e consciência planetária; Vida planetária; reconhecimento humano como pertencente à vida planetária.

A este respeito, destacamos inicialmente as contribuições descritas na tese de mestrado de Cristiano Xavier da Costa - O uso das tecnologias da informação no processo de ensino aprendizagem: um estudo de caso (2016) - no capítulo em que trata da desmistificação, de que a docência no senso comum é resultado de vocação, ao considerar que professores nascem professores, criando assim uma lacuna que os coloca na posição confusa de sua didática com seus diferentes papéis sociais.

Outra contribuição significativa sobre o tema da pesquisa vem do artigo intitulado: “Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos”, de Queiroz, Thiago Augusto Nogueira, publicada em 13/01/2016 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>), que faz oposição à geografia tradicional como base e influência positivista, na qual o historicismo e a postura kantiana, tem como conceito o território, a paisagem e a região como principais referenciais de estudo. Já a corrente da Geografia Humanista, presente no texto citado, tem base no existencialismo, com ponto de partida, o conceito de lugar, entendido como espaço vivido.

Na perspectiva da Emancipação humana com ênfase de Theodor Adorno, destacou-se o artigo: “Da possibilidade de emancipação humana: experiência formativa e elaboração do passado - contribuições de Theodor W. Adorno” por: Juliana Litvin de Almeida, USP (2009); “Razão e emancipação: uma leitura a partir de Theodor W. Adorno” por: Bido, José Mateus: UNIOESTE (2012); e “Arte e emancipação em Theodor W. Adorno” por: Claudino Maciel, Louise: UFPE (2011).

Encontrei cinco pesquisas referentes à teoria do Reconhecimento de Axel Honneth, são as seguintes:

“Reconhecimento em Axel Honneth” por: Cesco, Marcelo Lucas Instituição de Defesa: UCS (2015); “Reconhecimento como Teoria Crítica?: a formulação de Axel Honneth” por: Souza, Luiz Gustavo da Cunha de, Instituições de Defesa: UNICAMP(2009); “Crítica e reconhecimento: Honneth: a tentativa de reaver o "social" no escopo da tradição da Teoria Crítica” por: Soares, Thiago da Silva, PUC/RS: (2014); “A reestruturação da eticidade: a atualização do conceito hegeliano de

eticidade na teoria do reconhecimento de Axel Honneth” por: Melo, Filipe Augusto Barreto Campello de Instituição de Defesa: PUC/RS (2008). Costa, Ana Paula Motta, “Da invisibilidade à indiferença: um estudo sobre o reconhecimento dos adolescentes e seus direitos constitucionais (2011)”.

Essas pesquisas forneceram elementos importantes a respeito do pensamento de Axel Honneth, superando o conceito de auto conservação.

As diferentes pesquisas com base nos autores: Milton Santos, Paulo Freire, Theodor Adorno e Axel Honneth, possibilitarão uma abertura, um leque ou como um mergulho em diferentes dimensões em busca da compreensão e da aplicabilidade destes pensamentos no que se refere às ciências ambientais, como pertencimento planetário e Emancipação da Vida, bem como, as teias e emaranhados existentes, que circundam a realidade ambiental que constitui a sociedade e vida planetária.

## 2.2 PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS (METODOLOGIA)

Nessa introdução aponto sinteticamente os procedimentos metodológicos que viabilizaram essa pesquisa de natureza qualitativa com foco bibliográfico e documental. O processo investigativo se deu com base nos pressupostos que caracterizam abordagem de ciência amparada na Fenomenologia de Johann W. von Goethe (KEIM, 2017 apr. 3.2), que comporta três pontos referenciais de atuação, que sustentam essa abordagem como processo investigativo e não como metodologia. Esses referenciais são: a intensificação, a sensibilização e o ritmo do pesquisador. Esses três aspectos se manifestam na medida em que se intensifica a agudez e perspicácia do investigador para alcançar argumentos que atendam ao que se busca na investigação; em que se aprimora a sensibilização necessária para esse mergulho no tema, com base na expectativa de assumir um ritmo que conduza à busca de argumentos, que atendam ao que prescreve o problema e os propósitos.

Neste trabalho, a ênfase na relação da vida no contexto planetário e em especial a sintonia, frente à relevância e importância do reconhecimento pelos humanos, de serem seres pertencentes à complexa interação planetária. Esta posição investigativa implica na incorporação de requisitos prévios do pesquisador como postura pessoal e de pesquisa, bem como responsabilidade planetária e social de sua ação, para então desenvolver o que se convencionou como processo, para alcançar

argumentos, que ampliem os conhecimentos que estão relacionados com o tema investigado.

Assim se tem, na abordagem fenomenológica, Goethiana, que o resultado de uma pesquisa se dá prioritariamente com o aprimoramento da capacidade investigativa e reflexiva do investigador, o que é nomeado e caracterizado como metamorfose.

Ainda referente à questão metodológica essa pesquisa pelo fato de estar inserida em programa de mestrado profissional, desenvolveu um produto que se caracteriza como conjunto de argumentos que possibilitem identificar como as ciências ambientais, no contexto da docência em ensino fundamental e médio, incorporam aspectos segundo os quais os humanos se reconhecem como seres pertencentes às complexas interações que caracterizam a vida planetária.

## 2.3 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A organização do texto referente ao corpo dessa dissertação de mestrado será o seguinte: A introdução como primeiro capítulo tem a apresentação, a justificativa e relevância dessa pesquisa como forma de orientar e motivar outros pesquisadores a buscar nessa obra argumentos que contribuam com suas pesquisas e também o problema e os propósitos.

O segundo capítulo apresenta a base teórica da pesquisa referente às questões de vida humana como pertencimento e reconhecimento com foco na Emancipação da Vida.

O terceiro capítulo faz a interação da argumentação teórica desenvolvida no segundo capítulo acrescida de reflexões voltadas para a abordagem ambiental manifesta pela carta de Belgrado, como resistência e consciência de ação transformativa a favor da vida.

Como finalização do processo inerente a essa pesquisa, destacamos como item conclusivo, uma cartilha intitulada EDUCAÇÃO DA EMANCIPAÇÃO DA VIDA NA DINÂMICA ESCOLAR, que se caracteriza como roteiro de diagnóstico de como ações docentes, expressas como projetos e programas que sustentam atividades escolares, de forma a consolidar a questão ambiental como pertencimento, reconhecimento e emancipação presentes em diferentes componentes curriculares da realidade escolar.

### 3 HUMANOS E A VISA PLANETÁRIA

Nesse capítulo apresentamos a base teórica da pesquisa referente às questões de vida humana como pertencimento e reconhecimento, com foco na Emancipação da Vida.

No decorrer da história, a natureza é representada conforme diferentes interesses postos pela sociedade. O dualismo em Kant abre neste sentido, uma lacuna, que se agrava fortemente, na ideia do trabalho, colocado como foco principal a relação homem/natureza com base na racionalidade e não apenas na interação afetiva e vivencial.

A filosofia tem autores que questionam os caminhos percorridos pela humanidade na busca de desvendar, o que no momento se apresenta como sugestão na compreensão do que vem a ser respeito pela Terra, pelo Universo e pela vida, referenciados em diferentes fenômenos planetários e cósmicos que se apresentam como desafios a serem superados e também compreender a postura suicida que permeia o contexto civilizatório vigente.

No debate, para a compreensão dessa relação homem/natureza, é necessária a compreensão do modelo econômico, colocado como referencial de desenvolvimento e crescimento da sociedade moderna, pautada no consumo desenfreado que de maneira gradativa, brutalizou e desumanizou o ser humano, por meio de suas instituições, distanciando-o do meio natural, ao agravar aquilo que é indissociável com a tríade homem/natureza/vida, como processo inafiançável.

Na contemporaneidade, inúmeras questões surgem como problemáticas específicas envolvendo o local e o global. Essas questões se constituem no debate entre o que caracteriza razão global e razão local, que em “cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam quanto se contrariam” (SANTOS, 2000, p. 166). No desafio de buscar a possibilidade de intensificação e interação, pautada no equilíbrio ecológico planetário, com estímulos à mudança de postura e dos hábitos de consumo exacerbado para assumir um consumo consciente que promova equilíbrio na utilização de recursos naturais, é fundamental que a sociedade humana promova consciência coletiva, a favor da vida com dignidade. Para tal, é fundamental a consciência crítica e fenomenológica do que caracteriza meio ambiente e vida com base nas diferentes cosmovisões que constituem a humanidade.



O processo, a que se refere à vida planetária, se pauta na busca pela consciência do ser mundo e do ser planetário, a qual se dá à medida que se internaliza o pertencimento. O ser planetário se integra nos lugares e nos espaços, pela presença heterogênea de humanidade, ao constituir comunidades e sociedades com diferentes e múltiplas interpretações, as quais, ao mesmo tempo se chocam e se integram, colaborando para o entendimento da existência, como diferenciadas manifestações. Neste sentido, as diferenças cotidianas de cada um se enriquecem, pela experiência singular e pelas trocas, na perspectiva de futuro considerando os princípios Eco-Vitais (KEIM, 2017) como parâmetros para a vida se manter como espaço digno e amoroso.

Os princípios Eco-Vitais são o resultado de longa pesquisa coordenada por Ernesto Jacob Keim (2017), que buscou identificar aspectos dos quais a vida com dignidade não abre mão, assim alimento, abrigo, ocupação, partilha, cuidado, espiritualidade e transcendência foram os pontos considerados referenciais para orientar as ciências humanas no que se refere à vida com dignidade.

As dialéticas da vida nos lugares, agora mais enriquecidos, são movimentos de integração necessários à proposição e ao exercício de uma nova política, em defesa da vida planetária, tendo como referente à dignidade e a amorosidade, assegurada por uma comunhão universal com todos e mediada pela misericórdia esperançosa conforme Leonardo Boff.

### 3.1 PERTENCIMENTO COMO RECONHECIMENTO DO SER PLANETÁRIO

Para compreender o termo pertencimento, recorreremos à história, que nos apresenta o que se nominou como crise do pertencimento, com a dualidade corpo/alma, iniciada no século XVII e mais tarde chamado de paradigma cartesiano.

Como reação à dualidade, compreendida como processo de destituição, do sentido de pertencimento do humano, no século XVIII, Rousseau se posiciona como crítico do desenvolvimento do intelecto e da razão humana, em detrimento das virtudes do coração e das afeições, demonstrando que o instinto e o sentimento são mais confiáveis que a razão (DURANT, 1996, p. 251). A reação decorrente se fez presente de maneira generalizada na forma de contracorrentes, como o romantismo, a hermenêutica e a fenomenologia, entre outras (GOMES, 1996, p. 93-124).

No século XIX, com o estudo nominado A Origem das Espécies, conduzido por Charles Darwin (2003) sobre a evolução dos seres vivos desenvolvidos a partir do



processo de seleção natural, apresentado e demonstrado por meio de graus de parentesco entre as espécies, foi apresentado como um ensaio para a retomada do pertencimento. Esse estudo atuou como uma reconexão do humano com a natureza.

Neste sentido a ideia da evolução humana a partir dos primatas, não servi como meio de reaproximação e pertencimento homem/natureza, antes, pois, causou certa decepção quanto à sua origem, mas desencadeou um processo de responsabilização para continuar a busca de respostas para as questões referentes à origem humana no planeta.

Os saberes resultam da evolução, histórica humana que tem como resultado novos saberes, ou em transformação, mas que o reconhecimento dessa evolução histórica é essencial, porém trabalhar apenas com o presente sem acompanhar a evolução, é deixar a possibilidade da busca da compreensão do processo formativo, Santos (2000). A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelerou quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e, inicia a mecanização do planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Agora, com uma tecnociência, a humanidade alcançou o que alguns apontam como estágio supremo desta evolução (SANTOS, 1994, p. 16), o que, para Keim (2019) se caracteriza como um engano ou uma ilusão, considerando a perspectiva de a vida se caracterizar como processo eterno e infinito, que transcende às relativas totalidades na medida em que se constituem na complexidade da eternidade e do infinito.

A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelerou quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e, inicia a mecanização do planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Agora, com uma tecnociência, a humanidade alcançou o que alguns apontam como estágio supremo desta evolução (SANTOS, 1994, p. 16), o que, para Keim (2019) se caracteriza como um engano ou uma ilusão, considerando a perspectiva de a vida se caracterizar como processo eterno e infinito, que transcende às relativas totalidades na medida em que se constituem na complexidade da eternidade e do infinito.

Como consequência das atividades desencadeadas pelas instituições humanas de produção e consumo de bens, tem se como consequência visíveis

desgastes ambientais as quais de certa forma comprometem a continuidade da vida como se apresenta na atualidade, para o futuro próximo. Neste sentido, Milton Santos coloca como lócus, o lugar e o mundo, como gênese do problema. Na fase atual se tem como processo de relação à economia, que se tornou mundialização, a adoção de um único modelo técnico e prático, na qual a natureza se viu unificada. Suas diversas frações são postas ao alcance dos mais diversos capitais, que as individualizam, hierarquizando-as segundo lógicas com escalas diversas. Essa sistematização promove em escala mundial uma lógica que, nesse nível, guia os investimentos, a circulação de riquezas e a distribuição de mercadorias. Porém, cada lugar é um ponto de encontro de lógicas que trabalham com diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, às vezes contrastantes, na busca de eficácia e de lucro, com o uso das tecnologias e do capital sofisticando a exploração do trabalho (SANTOS, 1994, p. 19). Esse processo tem seu ponto referencial na postura competitiva e individualista a qual descarta a possibilidade de vida social mediada por uma lógica de mundo e de lugar como pertencimento, pensada pela ótica da vida com dignidade.

Cabe destaque, que há necessidade de reconstruir e revitalizar no humano, o sentimento de pertencimento. Essa abordagem resgata a ideia homem/natureza/vida que o desumaniza e desnaturaliza o homem. Para tal, Milton Santos (1994), sugere um debate, que se baseia nas condições e possibilidades de uma Geografia da Solidariedade. Por meio do conceito de Solidariedade Geográfica, Santos destaca a importância da comunidade, reafirmando o lugar enquanto categoria fundante do pensamento geográfico, palco de sua realização.

A comunidade, enquanto espaço de solidariedade, que pressupõe a territorialidade de um tipo de relação interpessoal nos espaços de vida, tem, na perspectiva do pertencimento, a possibilidade de inúmeros desdobramentos no contexto da vida social, e de modo geral costumam ser apresentados como dimensões da cultura local. Ela pode, também, ser caracterizada como cosmovisão tida como a percepção que as pessoas possuem de terem aspectos que os constitui com base na ancestralidade da comunidade. Assim, a cosmovisão se caracteriza como um olhar para dentro e profundo, da formação das pessoas e da comunidade.

Dessa forma, a noção de solidariedade no espaço geográfico indica associação, correspondência, e equivalência, entre os fenômenos da superfície terrestre e a ação humana. Este é um convite para refletir o que significa

pertencimento planetário como responsabilização pela vida. Por meio da geografia crítica de Milton Santos, se tem a possibilidade da busca por ecos do pertencimento, para melhor compreensão do ser planetário.

Neste sentido, a sensibilização, a intensificação e o ritmo farão parte do processo, como postura na busca da consciência do ser planetário e na dinâmica da cosmovisão (Keim, 2019). Trata-se de uma postura desafiadora e não habitual ao humano, o qual incorpora a Fenomenologia Goethiana como elemento integrador e integralizador da pesquisa, promovendo um mergulho na essência de cada aspecto planetário, ao intensificar os saberes e as contradições existentes, para então, reconhecer-se como pertencente e integrado ao meio, à natureza e ao planeta.

Assim, o caminho proposto como possibilidade de superação do distanciamento e do entendimento homem, meio, natureza, no contexto de espaço e lugar, busca elementos na história social do planeta, que é conduzida por processos chamados de técnicas e eventos, segundo Milton Santos (1996).

Essas técnicas, caracterizadas como conjuntos de instrumentais sociais, possibilitaram ao homem a produção, a realização e a criação de espaços caracterizados como ambientes artificiais que ampliariam sua condição vital, como humano que se constitui e se humaniza no contexto da sociedade. De certa forma, distanciados da realidade originária do planeta, promovem dessa forma, uma planetaridade artificial e humanizada. Dessa feita, o entendimento dos espaços geográficos, os lugares, territórios, ou seja, onde a vida se manifesta, é, portanto, espaço como pertencimento.

Segundo Santos (1996), nesses espaços cotidianos, a vida se apresenta de maneira solidária e atuante, mas também individual e competitiva. Estas duas possibilidades se caracterizam como manifestações humanas importantes na organização e consolidação de vínculos de pertencimento com o planeta e com o mundo, numa procura para ressignificar sua existência planetária.

O pertencimento, a partir do processo de consciência das forças que envolvem toda ação humana e toda ação ambiental, suscita para um repensar individual e coletivo, a fim de encontrar soluções pautadas no inverso do que está posto. Um pensar solidário e de reciprocidade, mas com olhar atento ao espaço, ao meio, e mais, aos processos culturais, políticos, econômicos e sociais que envolvem a geografia do meio, do lugar do território e do espaço como um todo. Com este propósito, o pertencimento a partir da solidariedade geográfica, surge como contra

ponto à tensão da globalização técnica e científica iniciada após as grandes revoluções liberais.

Essa globalização, perversa, avança de maneira avassaladora reduzindo a vida com dignidade, afastando as vivências humanas das questões e debates que se referem ao que é o ser humano, humanizado (KEIM, 2019). Essas questões necessitam de reflexões, e, nesse sentido, Milton Santos (2000), discorre sobre a existência de três mundos dentro desta “globalização”, caracterizados como percepção, realidade e possibilidade.

O primeiro, é mundo da globalização percebido como “fábula” segundo Milton Santos (2000), é cercado de fantasias. Ele se sustenta em ideologias responsáveis por criar e difundir instantaneamente notícias, as quais levam à crença de que os fatos noticiados realmente são significativos como agentes de informação do que caracteriza a natureza humana. O mercado atento a tudo isto se utiliza dessa dimensão para o processo de globalização, com o propósito de homogeneizar informações de forma planetária. Portanto, não é difícil compreender o porquê, estamos diante de uma ideologização massiva, segundo a qual a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício de fabulações.

Quando tudo permite imaginar que se tornou possível a criação de um mundo veraz, o que é imposto aos espíritos é um mundo de fabulações, que se aproveita do alargamento de todos os contextos (M. Santos, A natureza do espaço, 1996) para consagrar um discurso único”. (SANTOS, M., 2000, p. 17-18).

O outro mundo a que Santos (2000) se refere como segundo é o mundo de realidade, que é dotado da perversidade gerada pela globalização, que cria um abismo deixando boa parte da humanidade à margem dos elementos fundamentais para sua condição de ser bio-psico-socio-transcendente e unicitário (KEIM, 2011). Essa globalização perversa se mostra nos altos níveis de desemprego crescente, na pobreza, e na falta de oportunidades, e também na falta de educação reflexiva e nas carências de meios que evitariam o alto índice de mortalidade infantil. A falsa ilusão do consumo como fonte de felicidade e satisfação pode ser apontada como matriz da barbárie que caracteriza a perversidade global, que é sistêmica em prol do sistema econômico que desumaniza e fere a dignidade humana.

É contra a perversidade e a fábula da globalização, que Milton Santos traz o terceiro, como mundo da possibilidade como alternativa de promover um contexto

civilizatório amparado em outra lógica. Esta se mostra como um mundo no qual as possibilidades sejam pensadas na perspectiva de outra globalização (2000) que se utilize de meios e técnicas socialmente construídas ao longo do tempo, mudando o foco do interesse. Milton Santos propõe uma junção de forças, para uma globalização a serviço de outros objetivos e a serviço de outros fundamentos sociais e políticos.

Milton Santos também traz as questões acima citadas sobre os três mundos, ao remeter para a compreensão do que vem a ser pertencimento homem/natureza/vida, de forma a perpassar as consequências dessas forças inerentes ao processo, apontado como civilizatório, mas permeado pela barbárie.

Contudo, com a apropriação desta compreensão e a construção da consciência planetária universal, pautando o cuidado com o meio ambiente, no amor, no pertencimento, na reciprocidade e na solidariedade, cabe ao meio acadêmico e intelectual desencadear um propósito amparado no refinamento da ciência no que se refere à relação homem/natureza/vida, que atue em prol da valorização, da restauração da dignidade humana e da construção de um espaço mais integrado, solidário e humanizado.

### 3.2 RECONHECIMENTO COMO RESPONSABILIDADE PLANETÁRIA

O reconhecimento entendido como ato ou efeito de identificar a presença e existência, entre tantas outras formas de expressar o reconhecer, emerge nos estudos do filósofo alemão Axel Honneth, com um significado manifesto pela inserção de formas para que o indivíduo se insira e se sinta pertencente a grupos sociais, e no contexto da comunidade com a qual convive. Honneth fundamenta seus estudos, nas posições apontadas pelo jovem Hegel, considerando a dimensão de filosofia que trata da relação ética entre dois sujeitos. Ao retomar as ideias do jovem Hegel, Honneth afirma que os indivíduos se organizam em sociedade, como sujeitos sociais, na luta por reconhecimento.

As contribuições do pensamento de Axel Honneth, nessa pesquisa apontam para a posição de que o reconhecimento como atributo dos seres humanos, apresenta-se como agente fundamental para estabelecer sua interdependência simbiótica com o meio.

Axel Honneth, nascido na cidade de Essen, na Alemanha, em 1949, é filósofo, sociólogo alemão, considerado como o mais importante da terceira geração da Escola

de Frankfurt, traz em sua principal obra “Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais”(2003), Honneth refuta a ideia de auto conservação, defendida por Thomas Hobbes e Maquiavel, na inserção dos indivíduos na sociedade, os quais apontavam que essa dimensão apresentada no comportamento humano, se tratava da natureza humana, como característica fundante de ser má, contra a qual, apresenta outra abordagem para caracterizar a auto conservação a que chamou de luta por reconhecimento.

Segundo Honneth, o reconhecimento ocorre de maneira intersubjetiva. Na luta pela inserção na sociedade, os indivíduos contam com três formas de reconhecimento, ou três princípios, quais sejam: o amor que gera autoconfiança; a solidariedade gera a autoestima; e o direito que gera o auto respeito. Quando um destes princípios é ferido, surge a luta por reconhecimento.

Esses três princípios são fundamentais na perspectiva de refletir a natureza humana em relação com os ambientes, e, nesse sentido, a perspectiva Honnethina, justifica-se pela forma como a humanidade “evoluída” trata o meio ambiente, o espaço e a sua casa comum. Neste sentido ao analisar essa relação ao longo da história até a contemporaneidade, temos que os citados três princípios foram feridos e vilipendiados na relação homem/natureza/vida.

Segundo Ernesto Jacob Keim (2017), a vida com dignidade se sustenta nos pilares enunciados como princípios Eco-Vitais. Esses princípios apontam a relevância para o que a pesquisa mencionou anteriormente como condição imperativa, para debater as questões ambientais e a vida com dignidade, temos a percepção da vida se inserir com base em sistemas Eco-Vitais e, nesse sentido, é necessário impelir uma luta incansável pelo reconhecimento e pelo pertencimento planetário, como atributos que permeiam a responsabilidade planetária de todos os humanos, pela dignidade e justiça.

O descaso com o meio ambiente, com os povos originários, com os conhecimentos originários, bem como os maus tratos e a degradação do meio ambiente, na busca e transformação dos recursos naturais, com base nos interesses que submetem as políticas públicas, violam direitos em detrimento de um sistema econômico excludente, que ameaça à integridade dos seres vivos. Se para Honneth, toda luta por reconhecimento tem início por meio da experiência de desrespeito, nele encontramos elementos suficientes para uma “luta”, para a promoção da consciência planetária, do pertencimento planetário e da responsabilidade cósmica.

A Questão ambiental, compreendida como uma questão social se generaliza à medida que leva os indivíduos, a se organizarem em movimentos sociais passando do individual para o coletivo, na busca de reconhecimento de direito e da estima social. Esse movimento já representa um quadro moral de conflitos sociais, porque dependem de critérios socialmente generalizados (HONNETH, 2003, p. 256).

Em todo cenário ambiental, os problemas decorrentes de fatores políticos econômicos e sociais, que assolam a vida planetária, podem ser computados a favor da competitividade e da acumulação individualista, que caracterizam como desrespeito suscitem nos sujeitos sociais, como resistência, a busca de ações coletivas que têm como objetivo a luta por reconhecimento (HONNETH, 2003). A luta por reconhecimento move os atores sociais a agirem em coletividade, com propósitos do bem comum para o coletivo, sendo a experiência do desrespeito um ponto que converge para cada um destes atores, até chegarem ao coletivo. E continua dizendo que:

(...)o engajamento nas ações políticas possui para os indivíduos também a função direta de arrancá-los da situação paralisante do rebaixamento passivamente tolerado e de lhes proporcionar, por conseguinte uma auto relação nova e positiva. (HONNETH, 2003 p. 259).

Assim é na própria experiência de desrespeito que se encontra a motivação para a luta, na medida em que os indivíduos compreendem a negação do seu reconhecimento, o que possibilita o surgimento de uma ação coletiva destes atores sociais planetários.

É desafiador pensar em construir outra realidade sócio cultural como resultado das relações que o ser humano estabelece e consegue com o outro ser humano, bem como, nas diferentes manifestações de vida planetária. Uma relação pautada na solidariedade, na comunhão, na cooperação, na sinergia, de pertencer a uma parte da parcela do todo, desse grande e dinâmico organismo vivo e planetário.

A luta por reconhecimento, planetário, abre possibilidades de organização nestas perspectivas, priorizando a vida na Terra, numa humanidade que se apresenta e se forma como totalidade, inserida na perspectiva de eternidade e de infinito conforme Ernesto Jacob Keim (2019).



Essas expectativas esperançosas se fundamentam no reconhecimento dos sujeitos planetários como sujeitos de ação. Sobre a esperança, Rubem Alves (2000) diz:

Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo seca absoluta do lado de fora, continuam as fontes a borbulhar dentro do coração. Camus sabia o que era esperança. Suas palavras: 'é no meio do inverno descobri que dentro de mim havia um verão invencível...'. (...) Otimismo é alegria 'por causa de': coisa humana, natural. Esperança é alegria 'a despeito de' coisa 'divina'. O otimismo tem suas raízes no tempo. A esperança tem suas raízes na eternidade. O otimismo se alimenta de grandes coisas. A esperança se alimenta de pequenas coisas. "Nas pequenas coisas ela floresce. (ALVES, 2000, p. 159-160).

Dessa feita, a luta por reconhecimento manifesta como a internalização do pertencimento são importantes instrumentos, que orientam a compreensão, do uso dos recursos materiais e naturais, e das circunstâncias institucionais necessárias para o exercício da autonomia pessoal e coletiva, expressa nas relações positivas consigo mesmo como a autoconfiança, o auto respeito e a auto estima, somente alcançáveis em relações de reconhecimento não distorcidas como exercício constante de autonomia pessoal para ação coletiva.

### 3.3 EMANCIPAÇÃO COMO RESPONSABILIZAÇÃO PELA VIDA PLANETÁRIA

No processo civilizatório, segundo Adorno (1995), encontramos capítulos e mais capítulos, marcados pelos seres, que tendem a construir a Emancipação da Vida e também a barbárie. Assim, a indiferença, a passividade, e a ausência do pensamento crítico, produziram uma crise civilizatória, na qual a dignidade humana, foi violada de maneira torpe e vil, o que resultou em barbáries marcadas por genocídios e crueldades, que desfiguraram o ser humano, tornando-o um ser irracional, capaz de produzir e permitir todo tipo de maldade, reafirmada pela crença de existirem raças diferenciadas e hierarquizadas ao ponto de umas se colocarem como superiores às demais.

Tais constatações nos remetem a Paulo Freire em Pedagogia do oprimido (1981), na qual tanto o oprimido como o opressor necessitam de libertação e emancipação, mas cabe destacar que esses propósitos para se concretizarem,



dependem da redução e/ou eliminação da postura competitiva, que é determinante para gerar e sustentar a referida hierarquização.

A educação, portanto, procura, por meio da história do processo civilizatório, entender aspectos da sociedade moderna, tendo em vista que ela é concebida de consciência individual, sendo assim, o desafio da educação crítica é justamente, lapidar, para refinar a consciência dos indivíduos e da humanidade, afim de que, atrocidades como de Auschwitz, não se repitam em nome de uma ideologia pautada na barbárie na discriminação.

A emancipação humana se mostra, portanto, como um processo lento, gradativo e impactante pelo fato de que exige o exercício de reflexão crítica. Assim, a Educação da Emancipação anda na contramão da escolarização alienante que se caracteriza como processo mediado por processos e argumentos pautados em poder centralizado nos interesses de grupos que se colocam como referenciais a serem seguidos. A escolarização, regida por sistemas estabelecidos por instâncias de poder governamental, tem dificuldade de, por si, promover reflexão crítica, antes, pois, ela legitima discursos pré-estabelecidos que atendem a quem atua como governante. A educação escolar por ser submetida e submissa a interesses centrados no poder estabelecido, está impedida de exercer sua função de emancipação, porque se caracteriza como processo vinculado com a manutenção. “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 121).

### 3.3.1 Emancipação da vida e autonomia por meio da educação

Dessa forma, a educação, com propósitos institucionais organizados pelo poder estatal, impede a emancipação dos indivíduos, por não possibilitar uma visão ampla da sociedade em seu contexto histórico-político-econômico-social-cultural.

Os conhecimentos históricos e filosóficos contribuem para uma formação reflexiva, e, nesse sentido, Paulo Freire (1981) diz que a educação entrelaçada à prática reflexiva e dialógica no processo educativo, converge para uma educação problematizadora.

A profundidade das ideias de Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido(1981) e na Pedagogia da Autonomia (1996) estudada e abordada muitas vezes durante formação docente, na graduação e nas formações continuadas, ganha nessa

pesquisa um contorno que não se alcança nesses eventos, talvez pelo fato de se caracterizarem apenas como processo informativo, sem a devida instrumentalização para que a teoria se transforme e se caracterize em prática incorporada ao fazer docente.

Nessa pesquisa se pretende gerar, reativar posturas que se mostrem impactantes pela ousadia e coragem destas obras tão desafiadoras, caracterizando-se como um legado deixado por Paulo Freire, especialmente quando em suas reflexões nos convida a mergulhar no que chamou de um ‘pensar certo’, carregando de significado à docência, afirmando que não há neutralidade no processo educativo. E que “os saberes necessários à prática docente, contidos nas duas grandes obras destacadas anteriormente, se apresentam como verdadeiros tratados na educação, ventilados de esperança, evocando para a superação da superficialidade do fazer pelo fazer pedagógico, o que chamou de ‘pensar errado’.

O desafio proposto por Paulo Freire para uma educação que promove emancipação, perpassa por alguns aspectos citados por ele, a serem incorporados à prática pedagógica. No que se refere às ciências ambientais, elas caracterizam o conteúdo da obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), e com relação ao ensino das ciências ambientais esses itens se aplicam com alta relevância, apontando que:

- Ensinar exige pesquisa;
- Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos;
- Ensinar exige criticidade;
- Ensinar exige estética e ética;
- Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo;
- Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;
- Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática;
- Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural
- Ensinar não é transferir conhecimento;
- Ensinar exige consciência do inacabamento;
- Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado;
- Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educado;
- Ensinar exige apreensão da realidade;
- Ensinar exige alegria e esperança;

- Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível;
- Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Essas, entre outras indicações, podem e devem ser incorporadas aos estudos e reflexões, sobre as ações docentes no ensino das ciências ambientais. Na intensificação do despertar dos educandos ao pertencimento planetário, e na Emancipação da Vida. Portanto, a partir dessas considerações, apresentadas acima, a educação é por excelência, um meio eficaz no processo de Emancipação da Vida, tendo as ciências ambientais, como campo de atuação.

As aspirações voltadas para uma consciência planetária caracterizada pela criticidade podem partir de aspectos de apreensão da realidade, de forma as superar as consciência românticas, e ingênuas manifestadas em muitas abordagens ambientais, as quais tratam dos focos, desviando a atenção das causas.

A convicção de que a educação resulta em mudanças possíveis, aplica-se ao despertar para o ser como agente que pertence, ao lugar, ao espaço, ao meio e à vida planetária como um bem maior. Sendo assim, a educação crítica e reflexiva é compreendida como ferramenta de intervenção e interação no mundo.

Dessa forma, espera-se que os debates referentes aos temas ambientais, ganhem maior relevância no documento, que foi selecionado para fundamentar criticamente o entendimento e a busca do que propõe o trabalho em questão.

Trata-se da “Carta de Belgrado “a qual propõe uma equalização para a estrutura global na Educação Ambiental. Acreditamos que a abordagem incisiva e diretiva para uma mudança de comportamento, na forma como o contexto civilizatório vigente se organiza e se referencia, faz com que este seja um documento pouco conhecido, difundido e valorizado, pois se caracteriza como propósito de resistência e mudança de paradigma e não como paliativo para algo que ameaça a vida com dignidade. Essa condição de resistência apresenta a Carta de Belgrado como marco conceitual nas questões ambientais nessa pesquisa considerando que:

“Governos e formuladores de políticas podem ordenar mudanças e novas abordagens para o desenvolvimento, podem começar a melhorar as condições de convívio do mundo, mas tudo isso não passa de soluções de curto prazo, a menos que a juventude mundial receba um novo tipo de educação. Esta implicará um novo e produtivo relacionamento entre estudantes e professores, entre escolas e comunidades, e entre o sistema educacional e a sociedade em geral”. (BRASIL, 2010, p. 2).

Essas aspirações devem pautar as intervenções no mundo, com alegria e esperança de um mundo melhor para essa e as futuras gerações, mas no contexto atual a maneira como está organizada a sociedade pautado na competição e acumulação individual, e em valores que não promovem a autonomia, o respeito e a solidariedade, o que, por consequência, produz os meios que constituem a barbárie, e ferem a autonomia proposta por Freire (1996).

A barbárie, vivida no processo histórico de nosso contexto civilizatório, passado e contemporâneo, promove a disseminação de ódio e a intolerância, o que desencadeia posturas de exclusão e de segregação dos diferentes e das diferenças. No contexto da história em diferentes épocas, essa postura de individualismo, que abafa a individualidade, causou genocídios em inúmeros grupos étnicos, caracterizando como uma barbárie que alcança níveis inacreditáveis de crueldade e desumanidade.

Portanto, todo ato que atenta contra vida humana é barbárie. Ela, desvela a agressividade primitiva, que se traduz na civilização moderna em pleno desenvolvimento científico e tecnológico, quando se manifesta de maneira excludente, em posturas anti-vida, em detrimento aos mecanismos dominantes, que se sustentam na alienação e que geram retrocesso, em questões supostamente superadas reflexivamente, voltando a agir instintivamente caminhando para barbárie. Assim, Adorno considera urgente impedir esse processo, mesmo que seja preciso reordenar todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORNO, 1995, p. 155).

A emancipação nos processos educacionais, podem promover o pensamento crítico, capaz de perceber o mundo e suas relações complexas, desde que docentes e instituições estejam voltados para alcançar esses propósitos. Para Adorno, a própria organização do mundo corrobora com a ideologia dominante. “Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação” (ADORNO, 1995, p. 143).

Sendo assim, é necessário uma educação que se caracterize como processo engajado firmemente na revitalização da humanidade dos humanos para que se intensifiquem formas de pensar e conduzir a educação, de maneira que ela se imponha e faça valer argumentos que promovam emancipação do pensamento e de posturas, que consideram a vida como referencial mais abrangente e valioso a ser desencadeado nos processos formativos.

Essa posição de educação e não de escolarização pode promover a libertação das pessoas, do que as aprisiona, no contexto da mediocridade e da repetição alienada e acrítica das formas como se estabelecem relações e interações interpessoais e Inter ambientais que sustentam a barbárie e a miséria.

Pensando em proposições para uma educação que viabilize emancipação, com a consciência crítica, frente às forças envolvidas no processo civilizatório, Adorno, reafirma a necessidade de pensar a educação de maneira crítica e racional, superando a razão pura do iluminismo e trazendo à luz uma racionalidade ética e comunitária. Nesse sentido ele aponta que:

“Creio que filosoficamente é muito bem possível criticar o conceito de uma razão absoluta [...]”, porém “sem o pensamento, e um pensamento insistente e rigoroso, não seria possível determinar o que seria bom a ser feito, como uma prática correta”. (ADORNO, 1995, p. 174).

### 3.3.2 Emancipação da Vida na Interação Ambiental e os Princípios Eco Vitais

Trazendo a consideração de Adorno com foco para os problemas ambientais, os quais em meio ao desenvolvimento tecnológico e científico, consideramos que ela segue por caminhos que se caracterizam como anti-vida na civilização moderna. Logo, a barbárie contemporânea, nos impele à retomada ao movimento histórico, da colonização, atualizado com as práticas presentes no cotidiano das relações e ações políticas e econômicas sociais e culturais, que submetem a vida aos padrões de acumulação individual e egoísta, amparada na competição e na submissão das pessoas aos interesses do poder estabelecido.

Todavia, a questão da emancipação hoje, é, se, e como a gente — e quem é "a gente", eis uma grande questão a mais — pode enfrentá-lo. (ADORNO, 1995, p. 181-182). Neste sentido o autor nos apresenta dois elementos na prática educativa, o que chamou de adaptação e resistência.

A adaptação se dá à medida que entra em conformidade como o modelo vigente, portanto, todo o conjunto de práticas pedagógicas, acaba por reforçar e fundamentar a adaptação a partir da realidade presente.

Sua face é perceptível, a saber, a barbárie se mostra nas práticas pedagógicas, ásperas, bruscas, isto é, pela repressão e o medo, neste sentido a formação compreendida como deformação ou ainda razão instrumental.

Já a resistência, apresenta-se como meio, para uma educação emancipatória como possibilidade de proporcionar experiências formativas capazes de contribuir para o desenvolvimento pleno, autônomo e crítico dos indivíduos. Para tal é inerente a emancipação, as tensões entre as duas dimensões, neste processo, o propósito da formação emancipatória se sobrepõe e se fortalece.

Na educação como resistência se tem o clamor de ampliar a capacidade crítica e reflexiva das pessoas, para que as posições colonialistas sejam desbancadas. No cenário ambiental, os currículos se apresentam como adaptação, por trazerem conteúdos vazios e superficiais no que tange a Educação Ambiental e sua complexidade. E se apresenta como resistência a partir da reflexão de diferentes possibilidades de pensar a relação homem/natureza com a premissa no pertencimento, no reconhecimento e na Emancipação da Vida.

A educação com vista à emancipação plena dos indivíduos dar-se-á, à medida que consiga desenvolver o pensamento reflexivo e crítico, acerca também das questões ambientais. Ela deve possibilitar que as pessoas compreendam que, por exemplo, o agronegócio e o desenvolvimento da agroindústria se dão como aplicação do saber formal e científico, mas também é um saber carregado de ideologia que sustenta a vida como processo alienado e aliciado ao mercado. A educação assim deve desenvolver capacidade perene para que as pessoas alcancem um saber mais amplo que reflita sobre o uso desenfreado de pesticidas na agricultura e das consequências a saúde, a questão de áreas devastadas em prol do desenvolvimento, além de saber o que significa, por exemplo, assoreamento, degradação, poluição da atmosfera, dos rios e mares.

A consciência crítica reflexiva, nos ambientes educadores, precisa remeter à realidade e provocar contraposição de ideias, discussões que promovam debates que resultem em novos conhecimentos, num movimento contínuo e espiral. Esse movimento possibilitará que o ser humano, em confronto com a realidade a que está inserido, seja capaz de experiências num mundo real, sem “fabulas”.

O ser humano desprovido desta forma de pensar o mundo, e tudo que está relacionado com ele, fica impossibilitado de se orientar na realidade concreta, ficando sujeitado a ser conduzido por uma realidade cultural e social produzida por outrem. Theodor Adorno desenvolveu o conceito de indústria cultural, que se ampara nos meios de comunicação, os quais seduzem a população para aceitarem os padrões e modelos que lançam como ideais e adequados, e dessa forma, manipulam o

pensamento do indivíduo que se sente como empecilho para o processo da construção de uma consciência emancipada. Neste sentido, o processo de colonização impregnado na contemporaneidade, impede que sejam valorizados os conhecimentos dos povos originários, desvalorizando as contribuições no processo de colonização e desrespeitando sua dinâmica social e cultural.

O início do processo emancipatório, se dá à medida que o ser humano reconhece sua condição de colonizado, e entende as forças a que está sujeito, e reconhece sua realidade concreta, para então ampliar a maneira de ver e pensar o mundo, encontrando meios, mecanismos que possibilitem penetrar por caminhos inóspitos, apresentando o novo, apesar das forças contrárias.

Quando a educação faz com que o estudante enfrente a cultura dominante e massificada pela indústria cultural, se torna capaz de refletir e sair em busca do empoderamento humano, para Emancipação da Vida, conseguindo a libertação das prisões e porções da alienação. É nesse contexto que a pedagogia freiriana ganha espaço e ares, como um sopro de esperança para uma educação com vistas à liberdade e emancipação humana.

Nas duas obras: *Pedagogia do Oprimido* (1981) e *Pedagogia da Autonomia* (1996) de Paulo Freire, consideradas como mais importantes, de sua trajetória, traz uma retomada em toda a caminhada da humanidade em busca de sua construção emancipatória. O pensamento freiriano com ecos na emancipação superam plano filosófico, crítico e social, passando a ser compreendida como práxis pedagógica e como postura educativa.

Questões como a humanização ganham atenção especial no pensamento freiriano, como foco importante no processo emancipatório dos seres humanos.

A história é repleta de capítulos, em que a desumanização se apresenta como inerente ao processo civilizatório. Theodor Adorno denuncia a barbárie como contraponto a emancipação no sentido de buscar o resgate da humanização, a qual se dá como tarefa histórica, e como processo de libertação dos seres humanos, da condição de desumanizados, para a condição de emancipados, rompendo com a consciência ingênua e construindo pontes para chegar à consciência crítica, reverberando o protagonismo dos sujeitos com suas histórias.

No debate referente à Emancipação da Vida, Ernesto Jacob Keim desenvolve desde 1972 pesquisa que busca clarear o que vem a ser dignidade da vida para promover emancipação e como decorrência apresenta os Princípios Eco Vitais,



desenvolvidos inicialmente com a colaboração de Leonardo Boff, no contexto da Teologia da Libertação, nesse sentido temos nos parágrafos seguintes esse conteúdo.

### 3.3.2.1 Os Princípios Eco Vitais e a Emancipação da Vida com dignidade.

Os Princípios Eco Vitais são referenciais inalienáveis para uma vida de qualidade e plenitude, pela condição ontológica e existencial das pessoas e dos demais integrantes ambientais. Esses princípios se apresentam como algo que vai além de uma proposição que referenda a condição humana como ser de direitos, mas principalmente ser de dignidade e justiça.

No contexto dessa proposta pedagógico-didática são propostos (KEIM, 2017) oito princípios Eco-Vitais, ou seja: ALIMENTOS; ABRIGOS; OCUPAÇÃO; PRODUÇÃO E PARTILHA; AFETO; CUIDADO; ESPIRITUALIDADE; e PERTENCIMENTO com dignidade conforme Ernesto Jacob Keim propõe como resultado investigativo, impresso no site [profjacob.com.br](http://profjacob.com.br), na apresentação 2.3 dos Power Points divulgados nesse sítio.

Assim, temos: dignidade nos Alimentos que possibilitem prazer e integridade biológica e afetiva para os habitantes da biosfera, os quais devem ser produzidos e distribuídos em função das exigências biológicas e de prazer de toda a população planetária, e não em função dos interesses e conveniências estabelecidas pelo mercado. Os alimentos devem ser caracterizados como bons e suficientes para garantir vida como agentes de saúde, capaz tornar as pessoas resistentes às enfermidades, e capaz de possibilitar ao humano, o aproveitamento pleno de suas potencialidades.

Dignidade nos Abrigos, que atendam às características bio, psico, sócio, históricas e unicitárias das pessoas, conforme a região em que vivem, atendendo às necessidades de proteção e conforto necessárias para o bem-estar, bem como o estabelecimento de condições tais, que possibilitem dignidade da vida junto ao grupo social. Os abrigos também devem se caracterizar como moradias que priorizam o respeito às necessidades dos humanos: de horizonte visual, sonoridade, luminosidade, temperatura, privacidade e arejamento; os abrigos compreendidos como vestimentas devem respeitar a história e as características regionais e climáticas das pessoas segundo suas culturas e regiões onde vivam.



Dignidade na Ocupação, que se caracterize como um fazer que valoriza o potencial de cada um e respeita as suas necessidades, mantendo elevado o amor próprio e a autoestima. A ocupação deve viabilizar que o fazer humano aproveite o potencial de criatividade e inteligência de cada pessoa e do grupo no qual interage, ao considerar que o humano tem a capacidade de tornar digno, todos os fazeres de que necessita, para sua vida e felicidade. A ocupação dos humanos deve se caracterizar como potencialização da capacidade de criação, relação e produção de cada pessoa, como ser que se responsabiliza, com as consequências geradas por suas ações.

Dignidade na Produção e na Partilha de Bens, que se manifeste na medida em que a produção de bens, desenvolvidos por saberes e instituições geridas por humanos, tenham como foco atender às necessidades de vida digna, em relação com os demais agentes da vida planetária, de forma que preserve a qualidade dos ambientes terrestres. A produção e a partilha devem cuidar para que seus efeitos favoreçam a vida das futuras gerações. Esse favorecimento se manifesta, como garantia de que as formas de produção garantam qualidade futura dos mananciais, dos solos e da atmosfera. Esse princípio também propõe a garantia de partilha justa para o deleite fraterno, resultando em melhores condições de vida e maior integração com os ambientes do planeta, e se pauta em desfraldar relação de solidariedade e da fraternidade no lugar de competitividade e acumulação individualista.

Dignidade no Afeto se manifesta como condição imprescindível para que a autoestima se mantenha elevada e se preserve o equilíbrio mental e emocional, necessários para lidar com a dinâmica social e planetária. A afetividade se caracteriza como uma forma que fortalece em cada pessoa sua individualidade e sua capacidade de interagir e se relacionar, consigo mesmo e com o outro. Essas interações podem favorecer e motivar a criatividade e a ousadia para promover cada vez mais oportunidades para que a vida floresça, com sentido e significado para todos os humanos e para a vida planetária. O afeto deve ser agente que impere nas relações, numa perspectiva de fraternura, como foi proposto por Hugo Assmann (1998) e que sejam movidas com leveza, decência e amorosidade conforme propõe Freire.

Dignidade no Cuidado, manifesto como responsabilidade coletiva com o bem-estar de todos, ao ponto de promover interações e medidas, que desencadeiam posturas de atenção, respeito e valorização das diferenças e dos diferentes, mediados pela compaixão. O cuidado segundo Leonardo Boff (2012), caracteriza-se como ações

pautadas: no Amor; na Justa Medida que é a medida justa, frente à natureza e a medida justa com sentimento profundo, referente ao ato de julgar; na Ternura diante da vida; na Carícia Essencial; na Cordialidade Fundamental; na Convivialidade Necessária e também na Compaixão Radical.

Dignidade na Espiritualidade, entendida como a consciência e a vocação de todo ser humano em Ser Mais, de forma consciente de que tudo e todos se desenvolvem e se metamorfoseiam, em íntima relação de ECO-REORGANIZAÇÃO (eco desorganização/organização). A espiritualidade tem também a possibilidade de interagir nas ações e posturas humanas, de forma que estas possam transcender os limites postos pela materialidade. Essa possibilidade se concretiza na medida em que as pessoas buscam padrões e referenciais que apontam para novos e diferentes meios de constituição do que vem a ser a vida.

Dignidade como Pertencimento, o qual se manifesta como reconhecimento de todas as pessoas se sentirem inseridas e atuantes em dimensões complexas de tempo, espaço e conhecimento. O pertencimento é condição inquestionável e inafiançável a todos os humanos. Essa condição se dá pelo fato dela se manifestar entre outros aspectos, na dimensão de territorialidade e na vivência em sociedade que se manifesta como a Motricidade Humana, conforme Manoel Sergio (1995). O pertencimento conforme Milton Santos (2005), concebe a condição plena de entendimento e percepção, como fundamento da experiência que caracteriza o humano e por isso, necessariamente disponível e livre de fronteiras e barreiras.

Freire, afirma que o ser humano tem como vocação ontológica o “Ser Mais”. Neste sentido o “ser mais” como vocação estabelece a relação entre os seres humanos e o mundo no qual se encontram inseridos e capacitados para atuarem como protagonistas. Traz ainda, que ao contrário dos animais “seres em si mesmos”, os seres humanos são “seres para si”. E que se desumanizam quando submetidos a processos que os caracteriza como “seres para o outro” (FREIRE, 1979, p. 127).

### 3.3.3 Emancipação da vida e educação como agente de pertencimento.

Na educação, a busca pelo ser pertencente se enquadra perfeitamente no pensamento Freiriano, quando destaca que os seres humanos não são seres que apenas existem no mundo, mas que estão em plena relação com este mundo, e dessa forma, são capazes de uma consciência de si e do mundo (FREIRE, 1980, p. 65).

Para Freire (1980, p. 66), “enquanto que o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente, reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo”.

A educação com vistas para o pertencimento e emancipação tem como possibilidade, sensibilizar e intensificar o ser planetário, com contribuições dos autores: Theodor Adorno e em Paulo Freire.

Assim, emancipação e libertação humana por meio da atuação e compreensão dos potenciais inerentes as ciências ambientais, podem caracterizar-se como horizonte, no qual a pessoa vislumbra o amanhã com esperanças na promoção de pessoas solidárias, justas e comprometidas com a construção de um mundo melhor, com premissa no “ser” e não no “ter”. Portanto, não basta estarmos “no” mundo, temos que estar relacionados de forma permanente “com” o mundo, (Freire 2006). Esse pensamento nos remete ao documento: Carta de Belgrado, que traz em seu texto elementos e direcionamento que priorizam a dimensão do cuidado e da preservação, portanto pode ser caracterizada como freiriana, quando aponta direções para o reconhecimento, o pertencimento e emancipação dos sujeitos históricos, para uma ética universal em relação aos processos Eco-Vitais. Freire defende a universalidade de uma ética nos seguintes termos:

Quando falo, porém, da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana. Ao fazê-lo estou advertido das possíveis críticas que, infiéis ao meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como de sua natureza constituindo-se social e historicamente. (FREIRE, 1996, p. 20).

Ética universal individual e coletiva que priorize a valorização da relação homem/natureza/vida, na perspectiva planetária.

#### **4 PERTENCIMENTO, EMANCIPAÇÃO E RECONHECIMENTO COMO AGENTES DE RESISTÊNCIA A FAVOR DA VIDA COM DIGNIDADE (CARTA DE BELGRADO).**

Este terceiro capítulo faz uma interação com a argumentação teórica desenvolvida no segundo capítulo acrescida de reflexões voltadas para a abordagem anticolonial com base em conhecimentos ancestrais e originários como o Bem Viver, o Ubumuntu e o Nhandereko, com destaque para a carta de Belgrado.

A diversidade cultural é uma grande riqueza, especialmente num país pluriétnico como o Brasil e essa diversidade cultural são por vezes, desvalorizadas e até diminuída pelo preconceito e o etnocentrismo. Os indígenas sofreram historicamente essas mazelas sociais. Estereotipados como “preguiçosos,” “esquisitos”, “desocupados” entre outros. Essas afirmações justificam as ações de desrespeito e invasão de seus territórios. Pensando nas populações indígenas, muita questão vem à tona: que sociedade queremos? E que sociedade buscamos? Ou reproduzimos? E a quem interessa? Se essas questões permearem pensamentos, inicia-se aí, o processo de desalienação.

O que se sabe sobre os indígenas? [...] talvez a consciência romântica, apresentada em reduzidos capítulos dos livros didáticos, sobre o descobrimento e tantas outras fantasias importadas de outros povos, desconsiderando que os povos originários possuem cosmovisão próprias.

Lembremos que estes foram os primeiros a apresentar resistência diante do colonizador. Vivem no país, sofrendo problemas ambientais, são apartados da elaboração de leis, da vida política, da saúde, e a educação se manifesta como processo colonialista por meio das escolas de não indígenas, com professores não indígenas, que atuam nas terras indígenas, de tal maneira que a educação indígena como debate e propagação pelos indígenas de sua própria cultura e conhecimento deveriam se caracterizar como processo prioritário conduzido por integrantes das próprias comunidades. O que se tem nas comunidades indígenas é a negação do pertencimento e a inviabilização da emancipação dos povos como um desserviço realizado pelo processo conhecido como educação escolar indígena (KEIM, 2019). Nas universidades se tem um sistema também excludente sob o título de Políticas Afirmativas, as quais se manifestam como processo que recebe o indígena na universidade, onde ele tem cada vez menos voz e vez. Na perspectiva do pertencimento, da emancipação e do reconhecimento, deveríamos ter políticas

transformativas, por meio das quais a universidade se transformasse em local que coloca o indígena como protagonista, promovendo cursos com seus idiomas, suas cosmovisões e culturas.

Dessa forma, os indígenas e demais povos excluídos estão presentes na universidade como estudantes na graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, mas enfraquecidos em sua identidade, sendo desencorajados para promover resistência. Esses povos estudam a antropologia indígena, escrita por não-indígenas. Apesar de haverem movimentos como a campanha da fraternidade, que trouxe o lema terra, território e territorialidade como afirmação dos direitos indígenas, realizando mobilizações políticas, que contribuam com os projetos do “Bem viver como oposição ao capitalismo desumano (Campanha da Fraternidade 2018).

Seria de se esperar que os povos originários tivessem sua expressão manifesta como quem no Brasil se caracteriza como referenciais de pertencimento, reconhecimento e emancipação.

O modo como estes povos vivem, convivem e interagem, educam seus filhos. O modo como enxergam o mundo sob uma ótica completamente diferente, possibilita o vislumbre de uma relação existencial regida por outra ética em relação à vida como algo possível e viável, com base nas relações fraternas, na partilha, e no auto- conhecimento. Nesse sentido cabe destacar conforme posição defendida por Ernesto Jacob Keim (2019) de que na perspectiva de reconhecimento, do pertencimento e da emancipação, as escolas indígenas geridas e geradas pelo poder político estatal se caracterizam como agente colonizador e colonialista.

Ações humanas dotadas de sentido, com base na relação dos povos originários com a natureza, com o espaço, com tudo a sua volta, aponta que esses povos conhecem sua terra, porque elas estão impregnadas de sentido, de forma diferente da civilização dita “avançada”, pois eles seguem para o futuro, seguindo pegadas e ensinamentos de seus ancestrais, os quais dão sentido ao seu ser e estar no mundo. Esses povos têm muito a ensinar aos colonizadores.

São essas relações que privilegiam como valor primordial, a possibilidade de outra relação planetária, na busca da valorização do ser e da vida na sua plenitude. Nesse sentido, temos, junto aos povos indígenas, a relação entre dois conceitos fundamentais, o Buen Vivir e o Bien Vivir.

Segundo Ernesto Jacob Keim, conforme informações coletadas junto a lideranças do povo Pasto, nos Andes Colombianos (Nariño), o Buen Vivir significa o

autoconhecimento, estabelecer o Bom Viver e as pessoas imbuídas desse referencial pessoal e grupal se torna capaz e habilitado para desenvolver o Buen Vivir, que é o bem viver, ou seja, mostrar para os demais povos do planeta, como podem ser as relações a favor da vida, levando em conta a capacidade adquirida pelo autoconhecimento. Assim, apesar das boas intenções de muitas instituições propagarem o Bem Viver como uma proposta de Emancipação da vida, no debate junto à comunidade originária, essa proposta se mostra como algo incoerente pelo fato de valorizar apenas uma dimensão que é a propagação do seu modo de vida, independente do aprofundamento dado pelo autoconhecimento.

Nas comunidades africanas, temos diferentes povos, mas todos com um grande apelo a favor da vida, similar ao andino, da mesma forma que junto a povos indígena brasileiros. Dessa forma, o reconhecimento como ser planetário, responsável pela vida se caracteriza como um atributo natural e próprio de comunidades originárias, o que pode ser apresentado como desafio a ser enfrentado pelas comunidades que se consideram mais avançadas por possuírem tecnologias e conhecimentos voltados para a produção de bens descartáveis e propagação de hábitos de acumulação individual.

Essas abordagens de povos originários remetem a uma postura anticolonial, ou como resistência ao colonialismo e a sua reprodução.

O colonialismo deixou impregnadas raízes e se mostra, pelo modo como os seres humanos, perderam a capacidade de criar e pensar outras possibilidades, com base em outros saberes. No contexto civilizatório vigente na sociedade que reproduz um modelo Europeu, é evidente a influência colonialista presente na educação em todos os níveis, e de forma especial na condução dos processos investigativos desenvolvidos nas universidades. Portanto o processo inverso, ou seja, a descolonização da ciência e da educação se mostra como processo lento e gradativo, podendo ser viável na medida em que as pessoas se assumam como agentes de transformação e libertação.

Um país que não prioriza e não valoriza os conhecimentos originários, permanecendo com supervalorização, ao modelo eurocêntrico, ainda tem muito à aprender.

#### 4.1 A CARTA DE BELGRADO COMO PROPOSTA DE RESISTÊNCIA

No contexto de recuperação da identidade dos povos colonizados, cabe destaque para a importância da dinâmica educativa como processo de resistência. Resistência como ações que trazem novas formas de relação das forças e poderes, criando novas equivalências, ou seja, novos equilíbrios. É nesse sentido que a Carta de Belgrado, elaborada por ocasião do Seminário Internacional de Educação Ambiental realizado em Belgrado, Iugoslávia, em outubro de 1975, contou com especialistas de 65 países e representa um marco conceitual nas questões ambientais, portanto, caracteriza-se como uma das mais importantes nesse tema. O documento com pensamento acerca de que, todo crescimento e progresso tecnológico alcançados, ainda que tenham beneficiado muitas pessoas, também provocaram graves consequências socioambientais. Que este cenário, gerado principalmente por um número pequeno de países, afeta toda a humanidade.

No que se refere ao desenvolvimento, faz menção à “Declaração das Nações Unidas para uma Nova Ordem Econômica Internacional” que clamou por um novo conceito de desenvolvimento. Conceito este que considere as necessidades de todos os habitantes da Terra, valorizando o pluralismo das sociedades e a harmonia entre ser humano e meio ambiente. É vital que todos os seres humanos do mundo, apoiem um tipo de crescimento econômico que não tenha repercussões prejudiciais para as pessoas, para seu ambiente, nem para suas condições de vida. É necessário encontrar modos que assegurem que nenhuma nação cresça ou se desenvolva à custa de outra, e que o consumo de um indivíduo não ocorra em detrimento dos demais como destaca: “Os recursos da Terra devem ser utilizados de modo que beneficie a toda humanidade, e que proporcionem melhoria da qualidade de vida para todos” (Carta de Belgrado).

A carta de Belgrado evoca para o pertencimento planetário, ao reconhecimento e à emancipação, ao propor uma nova ética global. Nova ética global, individual e coletiva, que reconheça a dinâmica e a complexidade nas relações entre humanos e natureza e entre seus semelhantes. Ressalta ainda que a importância da cooperação entre diferentes nações deva ser uma postura de coexistência na garantia da paz e também na restrição aos armamentos militares, tendo como meta final o desarmamento.

Entende como essencial a reconstrução dos processos e sistemas de educação, tendo em vista a formulação de nova ética de desenvolvimento e da ordem econômica mundial.



No quesito desenvolvimento da Educação Ambiental, atende à Recomendação nº 96 da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (Conferência de Estocolmo). Realizada em 1972, esta Conferência suscitou um maior desenvolvimento da Educação Ambiental, considerada primordial, na busca da superação da crise ambiental mundial.

Ainda neste contexto, a Carta corresponde ao início da implantação do Programa Internacional de Educação Ambiental – PIEA, propondo uma estrutura global para a Educação Ambiental. Este programa teve sua primeira fase concluída posteriormente no âmbito da Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, ocorrida em Tbilisi, Geórgia, em 1977.

Sobre as metas Ambientais a Carta determina como meta a melhora de todas as relações ecológicas, incluindo a relação entre os seres humanos e a natureza e das pessoas entre si. Para isto, define como objetivos:

1. Esclarecer conceitos básicos, como “qualidade de vida” e “felicidade humana”, tendo em vista as características de cada cultura e a compreensão entre elas.
2. Identificar ações que promovam e assegurem o desenvolvimento das potencialidades humanas e que favoreçam o bem-estar social e individual, em harmonia com o ambiente natural e artificial.

Munidos de um Espírito ecológico, a carta também propõe formar população mundial consciente e corresponsável, atenta ao meio ambiente e aos problemas que o circundam, e que tenha conhecimento, aptidão, atitude, motivação. Amor ao meio.

Seguem alguns objetivos da educação ambiental a partir da Carta de Belgrado:

- 1 – Tomada de consciência e sensibilização em relação ao meio ambiente e aos problemas;
- 2 – Conhecimentos voltados para o desenvolvimento de uma compreensão básica do meio ambiente em sua totalidade, dos problemas associados e da presença e função da humanidade neles, o que implica em responsabilidade crítica;
- 3 – Atitudes baseadas em valores sociais e em profundo interesse pelo meio ambiente que os impulsiona a participar ativamente na sua proteção e melhoria;



4 – Aptidões necessárias para resolver os problemas ambientais;

5 – Capacidade de avaliação de medidas e de programas de Educação Ambiental em função dos fatores ecológicos, políticos, sociais, estéticos e educativos; e

6 – Participação no sentido de responsabilidade e de tomada de consciência da urgente necessidade de prestar atenção aos problemas ambientais, para assegurar que sejam adotadas medidas adequadas.

Quanto ao destinatário da Educação Ambiental, o documento prevê público em geral, estabelecendo duas categorias principais: o ensino formal e o ensino não-formal, como consciência planetária.

A carta de Belgrado pode ser compreendida como resistência, e postura anticolonial, porque agrega postura que evoca para o rompimento do pensamento linear, e propõe o pensamento global, compreendendo as forças exercidas, que após apropriação desta consciência se desdobraram em emancipação, pertencimento e reconhecimento, abordados nesta pesquisa como meio de valorizar e respeitar o ser humano e toda forma de vida, frente aos abusos da civilização tecnológica e capitalista.

#### 4.1.1 Tomada de consciência e sensibilização

A Educação Ambiental nos espaços escolares ainda acontece de maneira superficial, fragmentada e bem afastada do real. Essa prática é insuficiente para a formação da consciência de pertencimento como ser planetário, cujo o objetivo está em agir e atuar no mundo como resistência a favor da vida com dignidade.

Para uma consciência acerca dos problemas ambientais, se faz necessário conhecer, sentir e relacioná-los com a vida.

Para isso, a educação deve apresentar problemas ambientais causados pelo uso inadequado que leva a escassez de recursos naturais e apontar as consequências de transformações ocorridas ao longo da história e que continuam a ocorrer e oferecer perigo às nossas vidas. Essas transformações estão diretamente ligadas com as instituições desenvolvidas pelos humanos em sua meta produtivista e consumista de bens descartáveis movidos por postura alienada e irresponsável perante a vida.

A consciência posta pela Carta de Belgrado é de que somos natureza e como tal, precisamos refletir sobre ela, sobre como nos relacionamos com ela. Dessas indagações surge o Pertencimento e o Reconhecimento que devem ser apresentados em sala de aula como referenciais que debatem problemas ambientais. É fundamental que nesse debate seja apresentado o histórico dos inúmeros esforços empreendidos ao longo da história que se traduziram em debates conferências, nacionais e internacionais pensando proposições em favor do meio ambiente e da vida, que devem se traduzir em Educação Ambiental para consciência planetária, de pertencimento.

Para isso os temas ambientais precisam de fato permear as demais disciplinas num diálogo interdisciplinar, que segundo Ernesto Jacob Keim, deva ser caracterizado como Educação da Emancipação da Vida, e não como Educação Ambiental.

Explicando um breve contexto filosófico de que o humano, na busca de desvendar os mistérios da natureza, vê-se agora com o desafio de cuidar e proteger, e ainda pensar em desenvolvimento de uma sociedade equilibrada e sustentável.

A sensibilização necessária para alcançar esse ideal precisa fazer parte desta busca da conscientização e do desenvolvimento do ser pertencente e planetário, mas cada vez mais, fica patente a dúvida de como será possível desencadear sensibilização que implique em as sociedades humanas abrirem mão dos privilégios de acumulação individual em favor da partilha irrestrita, segundo Keim, conforme seus princípios Eco-Vitais (2017), buscando com os alunos refletir a interdependência existente na relação homem/natureza.

A sensibilização neste sentido, se desenvolve integrada com a percepção dos ritmos que caracterizam a dinâmica planetária, a dinâmica da vida, dos viventes, e o ritmo da dinâmica das comunidades como centros urbanos e florestas. Cada indivíduo vivo, e cada elemento da natureza possui seus ritmos, que constituem uma melodia da grande sinfonia que caracteriza o universo. Assim, é importante a postura docente que propicia aos alunos compreender o que são recursos naturais, o que são e quais são os elementos da natureza. Nesse sentido, é fundamental promover o contato com meio ambiente, propiciando o sentir, através da experiência sensoriais, levando os alunos a terem o contato, pisando na terra, na grama, ou trazendo para sala de aula elementos como terra, água, animais vivos, e outros para que possam sentir cheiro, textura, cor e sons, além de identificar ritmos e características próprias de cada um.

Observar o germinar das sementes, plantá-la juntamente com os alunos e acompanhar o seu crescimento, suas fases, bem como relacionando-as com as fases da vida humana, pode desencadear sentimentos, como o encantamento ao desabrochar de uma flor que com movimentos quase imperceptíveis se modifica, assim como nós nos modificamos constantemente sem percebermos.

Pensar no equilíbrio existente no simples ato de respirar, tendo consciência de como o oxigênio é reelaborado com uma ação dos vegetais, de maneira sincronizada, sem causar combustão, e sem nos asfixiar, representa aspectos próprios de uma complexidade extraordinária da vida como processo caótico, quântico, complexo e relativo (KEIM, 2019).

Pensar nos ecossistemas e sua interdependência por meio de documentários que tratam dessas interações ambientais podem reforçar a consciência de interdependência entre todos os vivos e não vivos planetários.

Todas essas abordagens precisam ser precedidas da compreensão de interdependência do meio, de uma relação simbiótica, amorosa, de respeito à vida que se manifesta na natureza, e por essa razão necessitam de cuidado e proteção com esperanças que se desdobram no ser planetário que queremos despertar em nossos estudantes.

#### 4.1.2 A carta de Belgrado apontando o meio ambiente como totalidade

Esse título remete a uma reflexão interessante que se coloca diante da dimensão da vida se pautar numa dimensão de eternidade e infinito, mas cabe a reflexão Goethiana de essa dimensão infinita e eterna, portanto sem limites de começo e fim, incorporar e possuir inúmeros aspectos caracterizados como finitos, como por exemplo, a vida dos seres vivos que tem um momento de nascimento e um momento em que ocorre a morte. Essa complexidade, de dimensão, que tem ausente limites, ser mediada por limites, aponta como a vida se caracteriza como processo.

Com esta premissa, a sensibilização, para a compreensão das questões sobre o meio ambiente e sobre o pertencimento planetário, precisam estar associadas às reflexões caracterizadas pela falta de capacidade de instituições humanas estabelecerem relacionamento de maneira responsável com Meio Ambiente.

Assim, todos os problemas ambientais, estão diretamente relacionados com a maneira como o ser humano se coloca frente aos desafios da vida.

Essa relação nos remete à necessidade de desenvolver o reconhecimento planetário e reestabelecer sua relação com o meio. Para isso é preciso que exista uma confluência de pensamentos responsáveis, o que pode ser iniciado no contexto escolar, nas relações dos docentes com os estudantes.

Refletir sobre o fator mais relevante a respeito das problemáticas ambientais, remete ao debate sobre o consumismo e a postura competitiva e acumuladora tão presente no contexto colonial eurocêntrico.

Dessa forma, a sociedade nacional e internacional já se reuniu, debateu, formulou e propôs ações. Mas também na comunidade escolar, é fundamental que ocorram reuniões para debater temas relevantes que atingem nossa sociedade abordando o que põe em risco as futuras gerações.

Com essas ações espera-se que todos os esforços na conscientização crítica, sejam capazes de romper os muros da escola, para que sejam disseminadas posturas e proposições que viabilizem o futuro planetário das próximas gerações.

Os temas que envolvem questões de Meio Ambiente, precisam ser fomentados, debatidos, para entendermos melhor as relações entre seres humanos, sociedade, natureza e educação.

É importante para adentrarmos nesse debate que se desenvolva, junto aos educandos e comunidade escolar, a convicção de tratar temas ambientais de forma corajosa, afim de denunciar aspectos que coloquem em risco a vida. Nesse sentido, ao debater problemas efeito estufa, acumulação de lixo, em especial do polietileno, o assoreamento dos rios, a destruição de ecossistemas ameaçados como os ecossistemas marinhos, pelo modelo econômico que se sustenta pela competição e acumulação, os quais geram a exclusão, a miséria e a barbárie.

A coragem necessária para debater esses temas em contexto permeado por constante vigilância e perseguição mostra o quanto é desafiador esse processo, o qual deve ser incluído em todos os cursos das universidades, de formação continuada de docentes, e de rodas de conversa de comunidades e associações profissionais.

#### 4.1.3 Atitudes e valores propostos pela carta de Belgrado

Desenvolver atitudes e valores necessitam de uma postura que tenha como princípio o pertencimento, o reconhecimento e a emancipação, para pensar numa nova ética que tenha base planetária, global, e que tenha início do individual para o coletivo. Uma ética universal, que pense o homem e o meio ambiente, o homem com o meio ambiente e o homem com o homem.

Na ótica do Reconhecimento e luta, por consciência de Interdependência, de reciprocidade, de ser e sentir a natureza, de luta, por ressignificação do processo em educação que trate a natureza, e o meio ambiente como vida.

Reconhecimento e luta, pelo desenvolvimento do ser planetário com direitos e em defesa do meio, como possibilidade amorosa de respeito e proteção à vida com dignidade. Esses valores propõe a reflexão da ação humana com base numa outra perspectiva de desenvolvimento que respeite a vida, em uma outra globalização, com uma nova ética de desenvolvimento e da ordem econômica mundial, como sugeriu Milton Santos (2000).

Essa por sua vez, estaria pautada no resgate, na integração, a inter-relação e da coexistência entre os seres e o Meio Ambiente, e o Planeta, numa relação harmoniosa e de reciprocidade.

#### 4.1.4 Aptidões para resolver problemas ambientais

A hipocrisia da nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC) aponta a necessidade de desenvolver competências e habilidades, na resolução dos problemas ambientais. Essa proposição é hipócrita pois não tem coragem de abordar de forma efetiva as causas econômicas e de organização social e política que desencadeiam a degradação ambiental e a ruína da vida no planeta (KEIM, 2019).

Atualmente a formatação de currículo que temos não é o ideal para desenvolver o ser planetário para agir e atuar no mundo, com soluções em relação às questões ambientais.

Nosso aluno não tem claro, a problemática ambiental e as consequências para a existência animal e vegetal em sua plenitude. As informações que recebe são estereotipadas e camuflam as questões referenciais e essenciais para de fato

promover emancipação da vida e ressignificação das interações humanas com os componentes ambientais.

A educação que formou os docentes que atuam na atualidade, está impregnada de aspectos que por meio da linguagem e das abordagens matemáticas, bem como históricas e geográficas, deixam de desencadear abordagem crítica e reflexiva sobre as complexidades que envolvem as ações humanas e suas instituições.

Como já citei anteriormente, fomos preparados, para trabalhar de maneira sistematizada conteúdo da língua portuguesa e da matemática, ficando em segundo plano demais disciplinas.

As abordagens feitas a respeito do meio ambiente, ficam restritas à separação do lixo, a qual sabemos ser mera aparência, pois não existem usinas para dar continuidade a esse processo iniciado em cada unidade habitacional. Haja visto os veículos de coleta de resíduos que não possuem compartimentos que mantêm a separação.

Nas escolas, por conta do esforço pessoal de professores e dirigentes, ocorrem esporadicamente ações temporárias de compostagem e formação de hortas, as quais raramente tem continuidade durante todo processo letivo. A escola deseduca na perspectiva ambiental, na medida em que deixa de apontar esses processos como processo, e os trata como meros eventos (KEIM, 2019).

Não é proposto para o aluno repensar sua existência, discutir posturas e desenvolver vontade, desejo e necessidade que deveriam permear a educação que tenha como foco diminuir a competitividade em prol de um consumo consciente, sustentável e compartilhado.

É fato que estamos vivendo tempos sombrios no cenário ambiental, os problemas causados ao longo da história vem à tona a cada dia. Mas as soluções para as questões levantadas não tem um ritmo de continuidade pois deveriam alcançar o cerne da questão, ou seja, debater o modelo econômico, modelo de acumulação, e o modelo de relação dos humanos entre si e com o ambiente.

O ser humano causador disso tudo, precisa mais que nunca, pensar soluções nesse cenário que a Educação da Emancipação da Vida, em lugar da Educação Ambiental se coloca como esperança. Esperança de desenvolver consciência, valores pautados no respeito, na reciprocidade, cuidado e zelo pelo ambiente e pela vida com

dignidade, para com os seres planetários, de tal maneira que desenvolva formas sustentáveis que priorizem a vida com dignidade.

Se historicamente os homens evoluíram e nessa evolução, foram capazes de criar e recriar a partir do desenvolvimento tecnológico, terão agora que equacionar desafio de constituir maneiras de convivência de integração e respeito entre a humanidade e o meio.

#### 4.1.5 Participação e responsabilidade

A participação responsável se inicia durante o processo de sensibilização e intensificação para o Pertencimento, o Reconhecimento das questões ambientais e suas manifestações, na vida e no planeta, e para tal propomos a corresponsabilidade como referencial principal.

A partir desses sentimentos desenvolvidos em cada educando, espera-se que haja percepção da necessidade urgente de mudança de atitude, em relação ao Meio Ambiente e a vida.

Essa consciência tratará atitudes de respeito ao Meio, buscando desenvolver medidas que se pautam no respeito à capacidade de gerenciamento dos recursos, pensando no futuro e na saúde do Planeta.

A responsabilidade compreendida com sensibilização e intensificação nos remete aos cuidados empreendidos na maternidade conforme Keim, desenvolvida como interações cuidadosas, amorosas e simbióticas que se reinventem em princípios do desenvolvimento sustentável, com vistas ao respeito a vida e a dignidade.

As ações políticas de iniciativas governamentais se mostram ineficientes na resolução dos problemas. Somente a ação conjunta com, a de Educação Ambiental para sensibilização ao Pertencimento e ao Reconhecimento se reverterá em ações compartilhadas, participativa com objetivos conjuntos de mudança e transformação desta situação caótica da realidade, vislumbrando um futuro de possibilidades. Nesse contexto, é preciso deixar a condição de espectador, desconectado do Meio Ambiente e da Natureza, para uma postura de protagonista em prol de uma nova ordem, que é a busca do ser planetário, corresponsável, por uma cidadania, livre para pensar alternativas para solucionar os problemas ambientais, individuais e coletivas, locais, espaciais e Planetárias.

Essa postura perpassa pelo respeito e valorização das diferenças culturais, vivenciadas no cotidiano das comunidades locais e dos seus entornos.

As soluções sistêmicas a partir da sensibilização, da intensificação do ser planetário para soluções globais, que vão das ações individuais com vistas para o todo, começando pela reflexão da interdependência, da necessidade do sentir, experimentar na natureza e Meio, entendendo que somos parte integrante, que coexiste neste mundo.

Esse processo poderá impactar de forma positiva no que se refere ao consumo, na economia de energia, de água, a reutilização, o reciclar de resíduos sólidos, para cuidar e preservar a vida.



## **5 CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS E APRESENTAÇÃO DO PRODUTO DA INVESTIGAÇÃO**

O produto final se caracteriza como um roteiro para diagnosticar materiais educativos e planejamentos educacionais que incorporem aspectos de pertencimento planetário, emancipação e reconhecimento, próprios de processo caracterizado como de Educação da Emancipação da Vida (Educação Ambiental).

Este roteiro se apresenta como uma cartilha EDUCAÇÃO DA EMANCIPAÇÃO DA VIDA NA DINÂMICA ESCOLAR, a qual está inserida neste documento como anexo.

Este produto final tem foco no docente que pretende avaliar seu planejamento educacional, de forma a verificar se ele incorpora aspectos de pertencimento planetário, emancipação da vida e reconhecimento do ser humano como elemento integrado à vida, de forma responsável como preconizam as Ciências Ambientais.

Trata-se de um processo organizado como uma publicação que apresenta situações similares às que ocorrem na rotina escolar, para que os docentes tenham elementos que motivem debates em grupo, para evidenciar a responsabilidade planetária junto aos seus educandos, independente de qual seja o componente curricular que desenvolva.

Essa publicação se refere em três blocos de questões/situações de análise, cada qual com possíveis elementos que se caracterizam como agentes motivadores para a docência.

FIGURA 1 - CAPA DA CARTILHA



FONTE: TONIOLO, A. H., 2019.

### 5.1 Considerações referentes às metamorfoses ocorridas com a pesquisadora como decorrência da pesquisa.

É conhecimento pré-socrático, o dito de que “Tu não podes tomar banho duas vezes no mesmo rio, pois aquelas águas já terão passado e também tu já não serás mais o mesmo.” (Heráclito, 540 a.C. - 470 a.C).

Nossas vidas foram marcadas por inúmeras transformações e muitas delas, relacionadas com as fases pelas quais todos passamos, ou ainda passaremos. Em cada uma, atribuímos algum conhecimento, alguma experiência marcante, positiva ou negativa. Porém, a mudança à que me refiro nesta pesquisa, tem a ver com o paradoxo da descontração para reconstrução de uma consciência com desdobramentos, que resultaram numa nova postura frente à vida, nunca antes experimentada, e que por essa razão, tem um significado especial.

Uma caminhada percorrida, ao encontro de teorias, que fundamentaram a esperança de pensar as questões ambientais por outro prisma. Disso, resultou um crescimento pessoal e coletivo, em relação ao planeta, e ao mundo em que vivemos.

A compreensão da dissociabilidade do ser humano com a natureza, da possibilidade da procura e do encontro de outras maneiras de pensar e sentir o mundo

por meio da sensibilização, foram alguns elementos que se modificaram inicialmente em mim, e me impulsionaram, e me motivaram cada vez mais nessa jornada.

Uma perspectiva desafiadora que se caracterizou como: Educação da Emancipação da vida, internalizada e defendida por mim, durante o processo.

Quantas reflexões, leituras, teorias, foram necessárias até aqui. Posso lhes garantir que, desconstruir algo cristalizado, fundamentado em minha formação, não foi tarefa fácil, mas é aí, que está a beleza, a sublimação do saber! O novo, o inusitado, ganhando espaço, se descortinando e se mostrando como possibilidade para pensar as questões ambientais, o ensino das ciências ambientais, agora na perspectiva da EMANCIPAÇÃO DA VIDA e construção de consciências planetárias.

A experiência vivenciada no Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), me provocou, sensibilizou e me desafiou a buscar, e a incorporar conceitos relacionados à fenomenologia, ao pertencimento, ao reconhecimento e à emancipação da vida, internalizando e entrelaçando os conceitos do início ao fim do trabalho de pesquisa. E sem titubear, reafirmo, foi a experiência de produção intelectual mais expressiva e impactante de minha existência.

O gosto pela pesquisa, a ressignificação do tema, as sensações, vividas ao longo da caminhada que gradativamente, foi deixando de lado, toda consciência ingênua e romântica, sobre EA, para uma consciência politizada, de corresponsabilidade, de interação, sensibilização, sinergia e simbiose que desencadeia no pertencimento Planetário

A expressão, Emancipação da Vida nas ciências ambientais e a defesa da dignidade humana, agora, tornaram-se uma bandeira a ser defendida e propagada nos espaços educadores, ou a quem possa interessar.

O reconhecimento, o pertencimento e a emancipação da vida, corroboraram para compreensão do meu ser, que tem agora como premissa, a busca pela interação e a integração ao meio e a vida, e vida com dignidade.

Dentre as mudanças, os referentes ao ensino das ciências ambientais, foram as mais significativas. Não há mais espaço, para uma postura de neutralidade, ou de apenas, transmissão de conhecimentos sem reflexões, ou apenas, reflexões superficiais, que não contribuam para o debate de ideias, e postura crítica, que gere libertação e emancipação de pensamento.

Ao decorrer do processo de pesquisa, a metáfora da metamorfose, fez, cada vez mais sentido. Uma espécie de restauração humana, que não para aqui, na finalização dessa pesquisa, mas se desdobra na responsabilidade da docência, de disseminar, promover e propiciar debates, reflexões, na busca do desenvolvimento de seres humanos comprometidos com as causas ambientais e conscientes de suas dimensões políticas, sociais, econômicas, culturais, espirituais que se reverberam em postura frente à vida e a dignidade humana.

A natureza, o meio ambiente, necessitam serem compreendidos, como uma relação de reciprocidade, harmonia e respeito, garantindo às futuras gerações, uma outra compreensão de mundo.

A imersão nas teorias de Milton Santos, Axel Honneth, Theodor Adorno, Paulo Freire e de Johann Wolfgang Von Goethe contribuíram de maneira significativa na construção da perspectiva da Emancipação da Vida nas Ciências Ambientais. Conhecimentos diferentes, mas que na ótica do respeito, cuidado e proteção do meio e da vida, contribuirão para desenvolvimento do ser planetário. Nesse sentido, Paulo Freire, (1987: p. 68), diz: "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes".

Essas perspectivas, que impulsionaram o caminho percorrido, por mim e meu orientador, Professor Ernesto Jacob Keim, inicialmente com intenção, e posteriormente com a materialização da cartilha, material pedagógico, no formato de cartilha intitulada: EDUCAÇÃO DA EMANCIPAÇÃO DA VIDA (educação ambiental) NA DINÂMICA ESCOLAR, que pudessem colaborar para a transformação da realidade ambiental a partir reconhecimento e do pertencimento planetário, voltada para professores, pesquisadores de metodologias, e simpatizantes das causas ambientais.

Todo processo de exercício intelectual, cognitivo em relação ao objeto pesquisado, bem como a possibilidade da criação de material didático, tornou-se para mim, um desafio prazeroso, envolvente, mas, acima de tudo, esperançoso no tocante a abordagens mais significativas em relação ao ensino das ciências ambientais.

Nesse sentido, a Fenomenologia Goethiana, no processo metodológico da pesquisa, foi essencial na sensibilização, na intensificação da mudança interior, que resultou em uma nova postura frente às diferentes dimensões do meu ser.

Portanto esse movimento também é parte do produto final, e foi essencial na dinâmica da pesquisa, que resultou no material pedagógico: EDUCAÇÃO DA EMANCIPAÇÃO DA VIDA NA DINÂMICA ESCOLAR (educação ambiental).

Esse material se apresenta como possibilidade para professores que tratam de questões relacionadas com a vida, o planeta e o mundo, e a quem mais possa interessar como processo evolutivo, do individual para o coletivo.

Assim, o pertencimento, o reconhecimento, a emancipação, a sensibilização, a interação e o ritmo na perspectiva da Fenomenologia Goethiana, passaram a fazer parte da minha vida pessoal espiritual e profissional, como postura ética individual e coletiva, co-responsável em relação ao meio, ao espaço, ao planeta e ao mundo.

Após todo esse processo, cabe ainda, o meu compromisso em difundir cada vez mais a expressão: Emancipação da Vida nas ciências ambientais, bem como, EDUCAÇÃO DA EMANCIPAÇÃO DA VIDA NA DINÂMICA ESCOLAR, para evidenciar o ser planetário de cada indivíduo, evocando o cuidado, a proteção, o respeito à vida e ao planeta, como ponto primordial para o desenvolvimento humano e social.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA, J. L. **Da Instituição de Defesa**: USP, 2009.

ALVES, C. R.; ALVES, M. B. N. **Por uma ética do pertencimento**. 2000. Disponível em:  
<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/85.pdf>.

ASSMANN, H. **Metáforas para reencantar a educação**. Piracicaba SP: Ed. UNIMEP, 1998.

BACH JR, J. **A fenomenologia de Goethe e a Educação em Steiner**. Campinas: FE.UNICAMP, Tese Pós Doutoral, 2015.

BIDO, J. M. **Razão e emancipação: uma leitura a partir de Theodor W. Adorno**. Instituição de Defesa: Unioeste (2012).

BOFF, L. **CNBB**, 2019. Disponível em:  
<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2013/outubro/ou-mudamos-ou-morremos-alerta-leonardo-boff#ixzz5Fd6ewouh>. Acesso em: 28/02/2019.

\_\_\_\_\_. **Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Carta Magna da ecologia integral: grito da Terra-grito dos pobres**. 2019 b. Disponível em  
 <[https://www.cartamaior.com.br/colunaImprimir.cfm?cm\\_conteudo\\_idioma\\_id=33787](https://www.cartamaior.com.br/colunaImprimir.cfm?cm_conteudo_idioma_id=33787)>. Acesso em 13/08/2019 b.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Histórico Mundial**. Brasília, [2004]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/historico-mundial>>. Acesso em 12/08/2019.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Pedagogia da Sensibilização em Defesa da Vida na Dimensão Planetária**. – Carta de Belgrado. 2010.

BUZZI, A. R. **Introdução ao Pensar- O ser, o conhecimento, a linguagem**. Petrópolis: vozes, 1992.

CALDAS, M. F. A. **Voz da paróquia - Comunhão, Participação e Missão** - ANO IV- Abril, 2018 - nº 47.

CAPRA, F. **Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Coordenação de André Trigueiro, prefácio de Marina Silva, 5.ed. Campinas. SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2008.

CARVALHO, A. M. C.; MONTEIRO, B. A. P. **A educação ambiental crítica na pedagogia: o caso de uma faculdade do sul de Minas**. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [S.l.], v. 33, n. 3, p. 230-248, dez. 2016. ISSN 1517-1256.

Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5936>>. Acesso em: 13 ago. 2019. doi:<https://doi.org/10.14295/remea.v33i3.5936>.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: formação do sujeito ecológico**. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CESCO, M. L. **Reconhecimento em Axel Honneth**. 2015. 80 f. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

CLAUDINO MACIEL, L. **Arte e emancipação em Theodor W. Adorno**. Instituição de Defesa: UFPE (2011).

COSTA, A. P. M et al. **Da invisibilidade à indiferença: um estudo sobre o reconhecimento dos adolescentes e seus direitos constitucionais**. 2011.

COSTA, C. X. **O uso das tecnologias da informação no processo de ensino-aprendizagem: um estudo de caso**. 2016.

DARWIN, C. **A origem das espécies**. São Paulo: M. Claret, 2010.

DIAS, G F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9ª ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DURANT, W. **A história da Filosofia**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Coleção Os Pensadores).

FAGUNDES, M. C. V; HOELLER, S. C; MARAFON, D; VERGARA, É. M. **Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão**. Curitiba: UFPR Litoral, 2016.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. ARAÚJO, A. M (org.). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Política e educação: ensaios**. p. 79-80. Citação inicial. 2006.

GOMES, P C. dá C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HONNETH, A. **A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003

\_\_\_\_\_. **Educação da Insurreição**. Jundiaí: Pocco Editorial, 2011

\_\_\_\_\_. Et al. **Educação na Diversidade Étnica: Educação escolar indígena no contexto pós e anti-colonial**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

KEIM, E.J. **Comunicação oral durante processo de orientação**. 2019

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental como Educação do Ambiente e da Emancipação da Vida, referenciada nos Princípios Eco-Vitais**. In Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2017. Disponível em <<http://profjacob.com.br>. Power Point. Bloco 2 Apresentação 2.3>. Consultado em 15/03/2019.

\_\_\_\_\_. **Ciência como Postura Fenomenológica Goethiana frente aos métodos Empírico-Analítico (positivismo) e crítico**. In Pedagogia da Pacha-mama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida. Matinhos PR, UFPR. 2017. Disponível em <<http://profjacob.com.br>. Power Point. Bloco 3 Apresentação 3.2>m.br. Consultado em 16/08/2019.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti (Mãe Terra/Pai Sol) como Grito pela Vida: Apresentação 3.3 Humanização da Ciência como reação Anti-Colonial**. Matinhos PR, UFPR. Power Point. Disponível em <http://profjacob.com.br>. Consultado em 16/08/2019.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI M. S. **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).

MEBRATU, D. **Sustainability and Sustainable Development: Historical and Conceptual Review**. Environmental Impact Assessment Review, v. 18, p. 493-520, 1988.

MELO, F. A. B. C. et al. **A reestruturação da eticidade: a atualização do conceito hegeliano de eticidade na teoria do reconhecimento de Axel Honneth**. 2008.



MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; 2000.

PACHECO, R. G.; MENDONÇA, E. F. **Educação, sociedade e trabalho: abordagem sociológica da educação**. 2016.

QUEIROZ, T. A. N. **Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos**. Versão online publicada em 13/01/2016 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)  
Thaumazein, Ano V, Número 09, Santa Maria (junho de 2012), p. 40-56.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Hucitec, 1985.

\_\_\_\_\_. **Circuitos espaciais de produção: um comentário**. SOUZA, M. A.; SANTOS, M. A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **O retorno do território**. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SÉRGIO, M. **Motricidade humana: um paradigma emergente**. Blumenau: Ed da FURB, 1995.

SOARES, T. S. **Crítica e reconhecimento: Honneth: a tentativa de reaver o "social" no escopo da tradição da Teoria Crítica**. 2014

SOUZA, L. G. C de et al. **Reconhecimento como teoria crítica? A formulação de Axel Honneth**. 2009.

SOUZA, M. A. A. **O retorno do território**. OSAL - Observatório Social de América Latina. Viernes, 14 de outubro de 2005. Disponível: [http://osal.clacso.org/dev/article.php3?id\\_article=115](http://osal.clacso.org/dev/article.php3?id_article=115)

VASCONCELLOS, C. S. **Resgate do Professor como Sujeito de transformação**. 10ª ed. São Paulo: Libertado, 2003.